A POESIA LYRICA.

(Por Emilio Swaag.)

——A Poesia lyrica, propriamente dicta, é aquella que nasce dos accordos da lyra; poesia toda de espontaneidade e de inspiração, que é como um grito instinctivo das paixões do poeta, poesia de amor e de adoração quando se ama, de odio e de vingança quando se aborrece, poesia, em uma palavra, na qual se espalhão com profusão todas as emoções de coração. Em sua origem toda a poesia era lyrica, porem logo que o rhythmo, a cadencia, a rima etc. forão inventadas para supprir a melodia musical, a poesia cantada perdeo pouco a pouco o seu prestigio, até que foi completamente desthronisada pela poesia recitada ou declamada. Hoje não se cantão, mas escrevem-se versos, e só por uma especie de ficção é que se dá o nome de poesias lyricas a poemas que não são cantados, porem que pela sua forma offerecem alguma analogia com os poemas cantados na antiguidade—taes são a ode, a canção, a ballada.

A *ode*, designada tambem com o nome de *hymno* ou simplesmente de *canto*, é heroica ou religiosa: as *cantatas*, e as que os nossos poetas contemporaneos caprichosamente classificarão com o nome de *messenias*, *harmonias*, *orientaes* etc, não são mais do que variedades das mesmas cantatas. A nobresa e a sublimidade dos pensamentos, a exaltação do sentimento, a riquesa das imagens, em uma palavra a inspiração de tudo quanto ha de mais puro e mais elevado, taes são os caracteres proprios da ode. A *canção* é menos rica de ornamentos, seu movimento menos magestoso, seu tom mais brando; seu colorido porem tem tintas mui doces, e reveste-se de differentes caracteres. O *dithyrambo*, *o romance*, *e a elegia* pertencem a este genero. No dithyrambo o poeta entrega-se inteiramente ao praser que o embriaga; no romance é terno, arrebatador, e apaixonado; na elegia chora e faz chorar: e é preciso.

Que o coração só falle na elegia.

Pelo que toca á canção propriamente dicta, deve ella supprir pelo recreio do espirito o que lhe falta em suavidade poetica; é este o unico poema, com o romance e o dithyrambo, em que o canto se tem geralmente conservado entre os modernos. Emfim a *ballada* ou é heroica ou romantica: no primeiro caso tira da ode a sua linguagem figurada, e a elevação dos pensamentos; e no segundo assemelha-se mais ao romance, cuja graça, delicadeza, e simplicidade tanto a embelesão. Quanto á arte ou confecção do verso nas poesias lyricas, cadenciadas ou simplesmente accentuadas, é tão variada como a naturesa dos sentimentos, que o poeta deseja pintar.

Porem nas poesias que só erão sujeitas ao parallelismo, como a dos Hebreos, ou á alliteração, como a dos antigos Scandinavos, estas differentes modificações não devião existir, e nesse caso o rhythmo musical regulava-se sem duvida pelas inspirações do poeta.

Tres são os periodos mais particularmente notaveis na historia da poesia lyrica: a edade dos bardos, que remonta á mais alta antiguidade; a dos trovadores, que teve logar pelo IX.º seculo: e a moderna, que teve principio em França com Malherbe. Indicaremos em resumo os poetas que mais brilho derão a estes periodos.

No Oriente os Hebreos se apresentão em primeiro logar. Em nenhuma outra parte a poesia sagrada se adornou de mais nobres inspirações. Quanta simplicidade e grandeza nos hymnos de David! Quantas bellesas inimitaveis ahi se não encontrão com profusão! A antiguidade nada produsio que com ella se possa comparar, e seria necessario dar-mos credito aos prodigios mencionados por Amphion e Orphêo para persuadirmo-nos que o psalmista teve rivaes entre os Gregos.—Porem na Grecia, onde o espirito guerreiro dominava, onde o Olympo era povoado de heróes, os hymnos a Deus devião ser cantos de guerra e de triumpho. Pindaro

o mais famoso de todos os poetas lyricos, que a Grecia vio nascer em seu sólo, a quem Horacio, seu emulo, comparava um rio magestoso donde todas os poetas vão beber, consagrava sua [illegible] ao louvor dos vencedores nos jogos publicos. Suas *Olympicas e Pythicas* respirão o mais vivo enthusiasmo lyrico; [illegible] segundo a opinião de muitos criticos, justificão mal os elogios excessivos que lhes são prodigalisados. O nome de Anacreonte recorda lembranças mais doces. O deus da guerra não [illegible] venerado na Grecia, os [illegible] tambem tinhão seus altares; [illegible] conseguinte possuir sacerdotes e oraculos. O cantor de Teos [illegible] este ministerio, com tanto zelo quanto talento. Suas canções inspiradas pelo vinho e pelo amor são modelos de graça e de espirito. Entre os Latinos Horacio seguio as pegadas desses mestres de lyra. Porem com quanto apresentasse bellesas de primeira ordem, seus cantos algumas vezes resentião-se do trabalho, que empregava em fazer entrar a poesia latina nos [illegible] gregos: uma grande parte das suas odes são meras traducções livres, ou imitações do grego; com tudo, á força de talento pôde adquirir alguma [illegible]. Depois delle a poesia [illegible] principiou a declinar. Unicamente a elegia ainda achou poetas, que [illegible] vesoar harmoniosamente seu flebil [illegible] sobre as cordas de sua lyra, [illegible] Catullo, Ovidio, e Tibullo.

[illegible] a poesia lyrica fez soar [illegible] seus masculos accentos. Sem [illegible] dos cantos de Edda, não podemos passar em silencio o bardo Ossian, ainda que contestada seja a autenticidade de seus cantos. As poesias de Ossian, respirando um agradavel mixto de pensamentos profundos e sentimentos verdadeiros, de simplicidade e grandeza, se collocão a par dos mais bellos genios da antiguidade.

Pelo IX.º seculo entra a poesia lyrica na Europa com os Arabes. Então principia a florescer a brilhante era dos trovadores. Depois de ter de novo apparecido em Hespanha, a canção transpõe os Pyreneos, e se espalha pelo sul da França, e d'ahi se diffunde em todos os sentidos pela Allemanha, Italia, Inglaterra, Escocia, e Scandinavia. Na Allemanha lançou o seu mais vivo esplendor na côrte de Hohenstaufen; os Minnesingus não tardarão muito tempo em rivalisar com seus mestres: Wolfram d'Eschenbach, Godofredo de Strasburgo, Conrado de Würtzburgo são os nobres filhos de Bertrand de Born, de Sordello, de Godofredo Rudel, e de Guilherme Faydit. A Escocia e Inglaterra tiverão seus *minstrels*; a Italia e Hespanha seus trovadores; a Scandinavia seus scaldas. A *Divina comedia*, magnifica ballada heroica, e os sonetos de Petrarca poderião ser considerados como a ultima expressão da poesia dos trovadores. No XVI.º seculo a poesia lyrica chegou á edade de decadencia; nem a ode antiga, nem a *canzone*, e nem o romance continuarão a florescer. « Em França, Malherbe, Racan, e o mesmo Rousseau, como diz Marmontel, quiserão ser eloquentes, numerosos, e floridos; porem quasi nunca fallarão á alma; suas odes, friamente bellas, são lidas como forão feitas, isto é, sem sentir-se commoção alguma. » Este juiso severo parecerá bem merecido, e poderia ser applicado a todos o lyricos modernos, ainda mesmo os mais celebres; entretanto ainda existe alguma excepção: a Italia conta Metastasio, a quem J. J. Rousseau chama « o unico poeta do coração »; a Alemanha Klopstock, Schiller, e Goethe, esse genio incomparavel, que se sublimou em todos os generos; a Inglaterra hoje se ennobrece com Thomaz Moore; a Escocia com Burns; a Polonia com Mickiewicz; a França com J. B. Rousseau, E. Lebrun, Victor Hugo, na ode; e no genero elegiaco Millevoye, e Lamartine; porem principalmente cita com orgulho Beranger, que tanto entre os antigos como entre os modernos, ainda não teve rival na canção.

A. F. C.

O FUTURO.

25 Fevereiro 1854.

Entre os ferros gemer se escuta o escravo
Longe dos climas, que nascer o virão;
Rigoroso, cruel, barbaro monstro,
Que insulta a naturesa,—e desconhece
As leis da humanidade e da clemencia,
Nos roxos pulsos o grilhão lhe aperta.
Entre os homens vegeta qual palmeira
Das indicas planicies transportada
Para as terras da Europa.. .—Oh que vida!
Que vida mais cruel fadar se póde!
—Homem livre nascer, morrer escravo!—
Mas quem lhe impelle arrastar a vida amára
Neste valle mesquinho de miserias?
O escravo será tão malfadado,
Que nem ao menos o furor possúa
Do nobre enthusiasmo de ser livre,
Que a augusta naturesa aos homens todos
Gravou no coração com mão de fogo?
Não. O futuro é quem lhe adoça as dores
Abranda-lhe o grilhão, e o ser lhe aviva,
Aponta-lhe donoso o céo da patria.
—O livre céo das africanas plagas!—

O misero amador, cujos suspiros,
O silencio da noite perturbando,
Da amada, que os despresa, recordando
Frescura, candidez, bellesa, e mimo,
Dos tormentos vexado do despreso,
Que tão crueis o pungem—tristes dias
Arrastando entre dores e pesares...
Quem neste triste e lamentoso estado
Inda da vida o sopro lhe alimenta?
O futuro—o futuro de esperanças!
Elle lhe doira na memoria os dias,
E a esperança nascer lhe faz risonha,
Qual meiga virgem de celeste encanto
Que as chagas cura do guerreiro amante,
Que da pugna ferido se volvera.

Sobre o leito de dôr arqueija afflicto
Decrepito ancião; negra doença
Um minuto se quer lhe não outorga
Placido repoisar. Si a feia imagem
Da negra, dura, e inexoravel morte
Chagar o coração lhe vem ás vezes,
Vem-lhe tambem futuro lisonjeiro
O triste peso aligeirar-lhe ás dores
Da doença cruel, que o martyrisa.

Qual o homem será, que em Deus confie,
Que o risonho futuro não conheça?
Sobre as margens gentis dos ferteis rios (*)
Da grande e poderosa Babylonia,
O desgraçado hebreo seus fados vinha
Triste chorar, da patria recordando
As saudades mui ternas e presadas;
Nem um hymno sequer cantar ousava
Em outro solo que Sion não fosse!
Tal o futuro esperançoso e bello
Aquella alma opprimida confortava.

Puras, gentis, e candidas donzellas,
Que no silencio do claustro a vida passão.
E nas sombras da noite meditando,
Vagueião pelas campas dos finados
Rogando, sobre os ossos carcomidos,
Compaixão para as almas penitentes
Dos que forão ahi. Jejuns, cilicios
Todo o seu corpo sobre as magras faces
—De continua vigilia macerádas—
Parecem requerer melhor ventura
Brilhando n'uma salla recamada
De sedas e veludo, entre mancebos
Cada qual mais attento ao seu imperio....
Que louco és, ó mundo! Os tens praseres
Ephemeros só são, de nada valem
Comparados co'os bens que o Eterno outorga,
No juizo universal do dia extremo,
Ao justo, ao bom, ao piedoso, ao sancto....
N'esse dia, ó meu Deus, os negros crimes
Os castigos terão de eternas chammas;
Bastantes rostos enrugados, feios,
Do Eterno surgirão perante a face;
Bastantes dentes rangerão de raiva
No dia da vingança....—E esses rostos,
Que as requissimas sallas adornárão
Outr'ora, refulgentes de bellesa,
Tristes, baços, negros e hediondos
Verão a face sacrosancta e bella
Do Senhor do Universo, e só o brilho
De tanta sumptuosa magestade
Ao inferno os sumirá por todo o sempre.
E a vós, candidas filhas do mosteiro,
O futuro virá tão rico e cheio
De gloria e d'alegria, que um só peito
Mui pequeno será, que conter possa
A effusão da ventura....

Castas virgens,
Vós, a quem n'este mundo os meigos sonhos
De amor e de ventura ainda embalão,
O futuro attentai, e não vos queime
O fogo do delirio, que só causa
Pesares, afflicções, insomnios, morte.

Qual diante da virgem, solitaria,
Seu pallido fulgor derrama triste,
A lampada do templo, perturbando
Das trevas a intensão, alimentada
Pelo pouco de oleo, que'inda resta
Da vasilha no fundo, ardente e turvo;
Esperando, já debil, que de todo
Essa porção se extinga, que a sustenta,
E c'o extremo clarão lhe fuja azinha
A moribunda luz por entre o fumo
Assim minh'alma suspirando vive
Aguardando a extincção do corpo inerte,
Que com debeis prisões a liga á terra!
O futuro, que então ha de seguir-se
Ao duro passamento, me embelesa.
O futuro me encanta, e me consóla
Dos males, que no mundo me atormentão.
A vida, que viver eu sobre a terra
Deus se aprouve ordenar, ha de algum dia
Mudar-se em existencia immorredoura...
E então, ó meu Deus, terás piedade
De um filho respeitoso, que te adora.—

A. F. C.

(*) Psalmo de David CXXXIV. *Super flumina Babylonis etc.*

O POETA.

—Vedes esse homem, que caminha

com passo lento, com um ar distrahido, mas nobre, e quasi sem dar attenção ao que se lhe passa em torno? É moço em annos, mas ha encanecido nas fadigas; a flôr da mocidade murchou sobre o seu semblante, ou antes para elle não houve mocidade. A vida que tem vivido é um deserto, no qual nunca desabrochou uma pallida florzinha, nunca verdejou uma humilde gramma, que désse vida á desolação geral.

Ente insubstancial, elle parece não ter vivido senão nas suas ideias, nas concepções que como espiritos lhe esvoação de continuo pela imaginação. Phantasma incorporeo, disseras que elle não nasceo senão para meditar, e entreter-se com as suas ideias. Em quanto entregues a tudo o que pode espairecer o animo os de sua idade riem, illudindo os cuidados da vida, elle consumio as suas faculdades n'um gabinete junto á frouxa luz da lampada nocturna, barateou a sua saúde, a sua mocidade, os seus bellos dias! E que galardão tirou de suas vigilias?—Nenhum. O vulgo nao o entende, apenas lança um olhar sobre a obra de menestrel, que tanto lhe ha custado, um olhar quasi sempre indefferente, e muitas vezes escarnecedor; o vulgo ao vel-o passar o aponta, dizendo: "Olhai o *poeta*" e o *poeta* na opinião de muitos é synonimo de mentecapto,—de maniaco!

Mas porque estreou elle essa perigosa carreira? Não sabia quão fertil em naufragios era o mar a que se aventurava? Fallerião-lhe exemplos? O cantor de Godfredo, que illustrou a Italia com seus numerosos versos, que nos fez chorar o caso de Tancredo e de Clorinda, perseguido, injuriado, se finou á mingua no obscuro recinto de uma estreita masmorra; as vexações, o opprobrio, a continua tensão do espirito, as ideas exaltadas lhe havião desvairado o cerebro; louco o chamarão, insensatos! que só o honrarão quando já não precisava de seus obzequios, como já não temia as suas injustiças. Desterrado longe da patria, perseguido como réo, o Cantor dos Luziadas, victima da inveja e da calumnia, curtio penosos infortunios; alli só tinha por alivio a lyra com que enterneceo aquellas praias selvagens descantando as saudades de Natercia, e atroou os montes com os feitos do Gama.—Exemplos terriveis que deverão fazer recuar a todos como escarmento vergonhoso e descorçoador!

Vós que assim fallaes não conheceis os segredos do genio; as ideias se enxameão, fervem, frescas como a immortalidade, ardentes de paixão e de enthusiasmo; as entranhas ardem:—o meio de resistir? Como é que as podereis sopear? Pôr-lhe freio? Chegou se o fogo á mina, forçoso é que rebente.

Dado o primeiro passo nesta senda, não ha mais retroceder, não ha mais parar; a sorte está lançada um destino imperioso nos impelle, é força carregar a cruz até ao monte, onde tem de se consummar o sacrificio;—tal é o fado marcado pelo mesmo Deus. Não ha obstaculos que se não venção, tropeços que se não transponhão: pausa, descanço—só debaixo da campa!

Dizer a um homem que se sente inspirado por um sopro divino, que o arrebata nas azas da accesa phantasia a adejar perante o Omnipotente, que arrepie a começada carreira, que volva ás occupações e diversões da vida ordinaria, que venere, n'uma palavra, os idolos da bruta e cega multidão; dizei-lh'o,—e vereis que desassisado é o vosso projecto! que crise terrivel para o homem de genio!

Tal é a historia desse mancebo, taes são as differentes phases que ha passado em sua vida; o poëta é n'elle immenso, mas o homem melancholico, inquieto, tem estampado na fronte o sello indelevel do longo e aturado meditar; e quereis que elle tenha as mesmas maneiras francas, o mesmo exterior affavel e seductor dos homens communs?—Ah! desculpai o, não vos afasteis d'elle, trabalhai pelo conhecer, vede-o de perto, e fareis justiça aos seus motivos, sympathisareis com seu coração.

A sua vida tem sido contemplativa e solitaria; ao nascer a natureza e

dou com a centelha do genio, com a faculdade sublime — mas funesta! — de dar vida ás ideas com um brilho, que os objectos não tem, de prestar ás cousas mais singellas e insignificantes o colorido de uma imaginação fecunda e creadora; de então fechou-se para elle a estrada da fortuna, renunciou ás honras, á ambição de se elevar acima dos outros homens, ficou só com os seus affectos, com as suas ideias. O que o move não é a esperança de uma esteril immortalidade; os fumos de gloria, que podem resultar de uma corôa de louros, não lhe embriagão o espirito: elle obedece a um destino superior, segue a sua vocação.

Bardo sublime! consola-te, — quando houveres acabado a tua missão na terra, não quinhoarás a sorte de milhões de individuos; não, porque se hajão de erguer monumentos a tua memoria, mais duradouros que o homem, porem caducos como elle, não pelos frios gabos da pedantesca vaidade de presumidos sabios, mas porque a tua memoria será grata ao homem sensivel; em seu coração tu viverás para sempre; elle só te entenderá, e derramará á tua memoria lagrimas de saudade e de sympathia.—

J. R. J.

ARCHEOLOGIA.

ALHAMBRA.

(POR DUFAU)

——É a Alhambra vasta fortaleza de Granada, que formava um dos quatro bairros desta celebre cidade, e servia de palacio aos Mouros. Está situada no cume d'uma ingreme collina, que rodeia a cidade do lado do oriente. As aguas do Xenil e do Darro a cingem de todos os lados; a arte tinha augmentado esta trincheira natural, rodeando a collina com dobrado cinto de grossas muralhas, que acompanhavão quasi todos os contornos do terreno, cujo comprimento é de cerca de 2600 pés castelhanos, e de 650 de largura. A Alhambra torna-se inconquistavel á não ser atacada com artilheria. Na parte mais elevada da collina estava a habitação dos reis de Granada. D'ahi se gosa delicioso espectaculo alongando-se a vista por essa cidade, áqual se ligão tantas lembranças, e pelos ricos campos, que a rodeião. A Alhamtra foi edificada por Abou Abdallah ben Naser, tambem conhecido por *Elgaleb Billah* (vencedor por Graça de Deus), que gloriosamente reinou de 1231 até 1273; consagrou immensos thesouros, afim de levantar estes sumptuosos edificios, aos quaes chamou-se *Medinat alhamra* ou cidade vermelha, por causa da côr dos materiaes, que ahi se empregavão. Querem alguns que este nome não seja senão corrupção da palavra *Alhamar*, com que se designava a tribu arabe, da qual este principe descendia. Seja o que fôr, os successores de Elgaleb Billah augmentarão e embelecerão este palacio. Seu neto Mohammad Aben Abdallah, acrescentou-lhe uma bellissima mesquita. Julga se que a Alhambra fora inteiramente concluida em o anno da hegira 749, 1338 da Era Christã no reinado de Abulhaggez. Depois da conquista de Granada pelos Hespanhóes, a Alhambra soffreo diversas modificações. Carlos 5.º querendo inscrever seu nome entre os dos principes, que concorrerão para esta maravilha da Hespanha——Mahometana, fez levantar sobre as ruinas de algumas partes da fortaleza um palacio, cujo todo é magestoso, porem a architectura está pouco em harmonia com os restos do palacio arabe. É o primeiro edificio que se encontra logo que se sóbe a collina. Está isolado n'uma grande praça, e cada uma de suas quatro fachadas é differentemente decorada; dentro tem uma torre redonda, e aformoseada com duas ordens de porticos sobrepostos e sustentados por trinta e duas columnas de marmore jaspeado. As sallas deste magnifico palacio são ricamente guarnecidas, porem jazem em completo abandono.

No exterior o palacio dos reis mouros dá apparencias de um velho castello rodeado de torres e baluartes. A principal entrada é aberta n'uma torre quadrada, que chamavão *porta do julgamento*. O primeiro pateo é um extenso quadrado calçado de marmore branco, e cercado por arcadas; no centro está um extenso tanque cingido de ruas de larangeiras. O segundo pateo chamado dos *leões* forma tambem um extenso quadrado de 100 pés sobre 50, e é rodeado de uma galeria, sustentada por columnas de marmore branco dispostas com muita arte duas a duas, e tres a tres. O centro do pateo está occupado por outro tanque, no meio do qual se levanta uma soberba cúpula de alabastro de 6 pés de diametro, sustentada por doze leões de marmore. Os aposentos são vastos e multiplicados. Os quartos pela mór parte têm fontes que incessantes que ahi refrescão o ar. Estas peças são abobodadas, e muitas vezes recortadas com abertos de uma audacia e delicadeza admiraveis. Emfim por toda a parte são multiplicados os enfeites em porphyro, e marmore, os arabeseos em estuque; as pinturas, e dourados, os hieroglyphos e inscripções são quasi todas tiradas do Koran ou *Alcorão*. É nestes detalhes que brilha o genio da nação, a quem é devido este edificio, monumento tão curioso das artes da edade media. A cima deste palacio existe uma casa de recreio dos reis mouros chamada o *Kineralife*, a belleza dos jardins, e a serenidade do ar, a tornão uma morada deliciosa. No cume da montanha havia uma antiga mesquita, que está hoje convertida em igreja dedicada a Sancta Helena. Tal é este palacio tão celebrado nas poesias castelhanas e mouriscas, que nos pintão a edade heroica da Hespanha, e a historia dos Abencerages.

I. A. V. S.

DIREITO D'ASSOCIAÇAÕ E SUA UTILIDADE.

——É a associação de grande monta para os homens conseguirem o seu destino, porque o homem solitario pouco pode, associado póde tudo. As poucas forças do individuo não podem procurar-lhe todas as condições necessarias para o seu desenvolvimento; porem, reunido pela associação aos seus similhantes, não soffre necessidade, que não possa ser satisfeita, não se propoem fim racional para que faltem os meios. Tanto nas sciencias e nas artes, como nos diversos ramos da industria, é muito util a associação; porque os homens reunidos podem pelo concurso da sua intelligencia e actividade executar trabalhos, que serião superiores as forças separadas de cada hum. Sem associação não haverião caminhos de ferro, pelos quaes o homem como que vôa d'uma para outra provincia; nem as carreiras dos barcos de vapor, que tem feito quasi vizinhos os paises mais distantes; nem finalmente as sciencias e as artes terião chegado ao gráo de perfeição em que as vimos se não fossem os esforços reunidos dos homens sabios na Universidade e Academias.

A. C. H. S. M.

DA ORDEM DE CHRISTO.

——A' ordem de Christo em Portugal é do numero d'aquellas, que se formárão dos restos da dos Templarios, que possuiaõ grandes bens naquelle reino. ElRei D. Diniz, vendo quanto os Templarios lhe tinhão sido uteis para a defesa da fronteira do reino dos Algarves contra os ataques dos Mouros; resolveo depois de sua extincção instituir uma Ordem Militar em seu reino, cujo principal cuidado seria defendel-o contra esses mesmos infieis, executou este projecto em 1317, e deo a esta ordem o nome de Jesus Christo, afim de que debaixo de um tão sancto e tão favoravel nome podessem os cavalleiros fazer os maiores progressos sobre os inimigos da Fé. Mandou depois a Roma o embaixador João Lourenço para obter a confirma-

ção do Papa João XXII, a qual foi-lhe concedida pela Bula de 14 de Março de 1319. Estabeleceo esta ordem debaixo do nome de Milicia de Jesus Christo, e a submetteo á regra de S. Bento, e ás constituições de Cister, que os cavalleiros de Calatrava tambem observavão, concedendo-lhe os mesmos previlegios; ordenou mais que o Abbade d'Alcobaça recebesse em nome dos soberanos Pontifices o juramento de fidelidade do grão mestre, o qual seria obrigado a prestar doze dias depois de sua eleição. O primeiro grão-mestre foi D. Gil Martins, que tinha sido cavalleiro de Aviz, e o segundo foi D. João Lourenço, que tinha em Roma sollicitado a confirmação desta ordem.

Os cavalleiros tomarão posse dos bens dos Templarios, que o Papa unio a esta nova ordem pela sua Bula de confirmação. Estabelecerão sua residencia em Castro-Marim na diocese de Faro; mas no anno de 1663 forão transferidos para Thomar, 7 leguas distante de Santarem debaixo do governo de D. Nuno Rodrigues, sexto grão-mestre, e alli foi sempre o principal convento desta ordem. Fazião tres votos essenciaes, de pobresa, castidade e obediencia, porem o Papa Alexandre VI os dispensou desta extrema pobresa, com condição de darem o terço da renda annual das suas commendas para edificação do Convento de Thomar, e permittio-lhes tambem de cazar.

Fizerão se estes cavalleiros recomendaveis pelas victorias que contra os Mouros alcançárão, de quem tomarão muitas terras na Africa, e que submetterão ao dominio de Portugal. El-Rei D. Duarte gratificou no anno de 1433 a estes cavalleiros, dando lhes a soberania, que foi confirmada pelo Papa Eugenio IV, que tambem lhes concedeo as decimas, não somente das terras que tinhão conquistado, mas ainda das que conquistassem para o futuro. A ordem deve este engrandecimento ao Infante D. Henrique, que era o seu grão mestre, e irmão d'ElRei D. Duarte. Foi por consideração a elle que ElRei tanto bem fez a esta ordem; e este grão mestre a reformou tambem em 1449 com licença do mesmo Pontifice Eugenio IV.

Gosou esta ordem sempre de muita consideração. Nos Estatutos dos cavalleiros e freires da ordem de Christo parte 1.ª tit. 28 §. 3.º lia se "*nem outrosim poderão servir officios publicos, que fiquem em discredito da ordem, nem a isso os possão as Justiças seculares constranger.*" Na parte 3.ª tit. 6.º §. 2.º dos mesmos Estatutos determinava se: *que nas sentenças dos cavalleiros por crimes se não ponha clausula de pregão, nem se lhe dê pena vil, ou outra que traga comsigo infamia, porque como o cavalleiro fica com o habito não convem á honra da ordem, salvo nos casos exceptuados, porque então se pedirá Breve a S. Sanctidade e se lhes tirará o habito primeiro.*

De um manuscripto.

A. F. C.

INEDITOS.

(Continuado do N.º antecedente.)

§ *XI. De que procedem as diversas inclinações dos homens.*

Não obstante a vontade ser invencivelmente determinada para o bem, e em geral a fugir do mal; achão-se entre os homens, huma infinidade de desejos, e de conductas diversas. E isto não só porque a idéa do bem, e do mal nem sempre he pura, pois o bem ordinariamente se confunde com o mal; mas tambem pela diversidade dos objectos, que movem a vontade, inclinando-a para diversos fins; a huns faz lhe perpender a vontade para se estimarem, e formarem uma idéa avantajosa de si; a outros, para gostarem de exterioridades, e devertimentos, e a outros excita lhe o amor proprio, fazendo lhe procurar, o que he conveni-

ente á sua propria concervação. Olha o homem para o primeiro destes effeitos como honesto; para o segundo como gostozo; e para o terceiro como util; sendo qualquer destas inclinações actractivas delle conforme para donde elle perpende mais: Porque todos os homens tem perpensão natural para humas cousas, e aversão para outras; resão de toda a acção humana ter uma mistura de bens, e males, dos quaes nem todos são capazes de decernir, e delles procede a diversidade de inclinações dos homens.

§ *XII. Effeitos da diversidade de naturais.*

A vontade do homem não está sempre em um tal equillibrio, que obre em cada acção á que se determina, movido de um unico movimento interno consegutivo de hum dillatado exame de tudo, quanto deve fazer; mas sim muitas vezes sucede, que se inclina para uma das duas partes oppostas por diversos mottivos exteriores. Por não fallarmos aqui da inclinação geral, que todos os homens tem para o mal, cuja origem, e natureza se deve buscar em outra siencia, podemos logo contar entre as cousas, que fazem pender a vontade para uma das duas partes oppostas: 1.º as disposições particulares do natural, que fazem os homens inclinados á certas acções: dispozições que muitas vezes se achão em povos inteiros, e que procedem não só do temperamento, o qual vareia a infinito segundo o nacimento, a idade, os allimentos, a saude, ou a molestia, e o genero de ouccupação; mas tambem da conformação dos gráos de que a alma se serve para exercitar as suas funcções, do que se respira, do clima, em que se vive, e de outras similhantes cousas. Sobre o que se deve ter por constante, que com cuidado, e aciduidade, se podem consideravelmente surmontar, e corregir estas dispozições naturães; que por maiores forsas, que se lhe atribuam nunca tem as que bastam para provocar invencivelmente os homens, a violar a ley natural com crimes puniveis no tribunal da humanidade, donde se não attendem dezejos viciozos, que não são acompanhados de algum effeito exterior. E a defficuldade que se acha em surmontar taes inclinações, abundantemente se recompensa com a gloria de uma tam bella victoria. Porem se estas inclinações forem tam fortes, que se lhe não possa resistir, sempre se podem por este ou por aquelle modo satisfazer sem crime.

(*Continua.*)

EMBUSTE DE MAFOMA.

——Pretendendo Mahomet fazer o ultimo esforço para firmar o seu duplicado poder, legislativo e religioso, offereceo a um dos seus partidarios riquesas immensas, com promessas de repartir com elle o poder, mas debaixo da condição de consentir que o metesse n'uma profunda cisterna, donde em occasião opportuna e convencionada bradasse ao povo: *Deus é Deus e Mafoma o seu propheta.* Assentio o parvo ambicioso, e desempenhou a commissão. A impostura maravilhou o povo, que se prostou aos pés de Mafoma; e o honrado propheta clamou logo sem hesitar: *A voz de Deus nos fallou, fechemos para sempre o sanctuario da sua palavra.* E dentro em poucos minutos a cisterna ficou entulhada de pedras; e o segredo sepultado com o confidente.

PENSAMENTOS.

——A ociosidade e o luxo é quem faz os povos insolentes e rebeldes.

Quanto mais cuidão os principes em se divertir, tanto mais padecem os povos, e se espalha a semente da desgraça.

O ouro e a prata são um quinto elemento.

Os livros, os remedios, os alimentos, os conselhos e os amigos devem sempre ser tomados em pequena parte, mas bem escolhida.

ERRATAS DO 2.º N.º

Pag.	Col.	Lin.	Erros	Emendas
9	2.ª	15	Bergscklopesse	Bergscklopesses
10	1.ª	33	Chelis	Chelius
10	1.ª	33	Gumelin	Gmelin
12	1.ª	28	mão	mãe
13	1.ª	8	N'elles	N'elle
13	2.ª	1.ª	Velho	velho
14	1.ª	21	consumarás	consummarás

Typographia Maranhense. Anno de 1845.

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE

——Em Sessão ordinaria de 15 de Março do corrente forão approvados Socios Honorarios os Illms. Srs. Drs. Antonio do Rego, Tiberio Cesar de Lemos, Antonio Carneiro Homem de Souto Maior, e Raymundo José Maria de Mattos.

DESCRIPÇÃO DE CONSTANTINOPLA,

feita por W. Sucheyre e addicionada com algumas notas por Ruchedin-Effendi, primeiro interprete da Sublime Porta em Pariz.

——A cidade de Constantinopla, pelas vantagens de sua pozição, parece dever dominar todo o antigo continente. Ao norte, o mar Negro, antigamente Ponto—Euxino, da-lhe communicação com os payses septentrionaes; ao sul o Mediterraneo, que os Turcos chamão mar *Branco*, e de cujo Archipelago, outr'ora Mar Egéo, faz parte, a approxima das regiões meridionaes, e occidentaes. Estes dois mares são reunidos por outro mais pequeno, chamado de Marmara, que forma uma vasta enseada, onde armadas inteiras podem commodamente manobrar. Pelo canal de Constantinopla este mar está em communicação com o Ponto—Euxino, e do lado opposto com o *Branco* pelo estreito de Dardanellos. É precisamente á entrada do canal de Constantinopla, do lado do mar de Marmara, que está edificada esta magnifica cidade. Rapidissima corrente, que vem do mar Negro, atravessa este canal, e o Marmara, e continuando pelo Dardanellos, vem fazer sentir sua influencia até ao mar *Branco*. Quando o vento sopra do norte, a entrada de Constantinopla fica aberta aos navios, que vem do mar Negro, e durante elle nenhuma vela póde entrar pelo Dardanellos. Tem logar o contrario, quando domina o vento sul: porque então o canal fica fechado, e as embarcações chegão facilmente do mar Branco. Deste lado é deffendida a passagem por quatro fortes e baterias, cujos fogos crusados fazem respeito aos vazos de guerra extrangeiros, e os obrigão a ficar ancorados defronte da ilha de Tenedos.

É sabido que a capital do imperio Othomano tem a forma de um triangulo; dous dos seus lados são banhados, e protegidos pelo mar, e o terceiro é fechado com dobrado muro feito no tempo dos imperadores gregos. N'este recinto levantão-se em amphitheatro milheiros de casas edificadas sobre as sete collinas contiguas, cujas summidades são coroadas com edificios publicos. Nada tão magestoso como o aspecto d'esta cidade: a maior parte das cazas são cercadas por jardins, que quebrão a monotonia dos edificios particulares; e por cima desta massa de construcções apparecem magnificas mesquitas com seus soberbos zimborios, e agradaveis minaretos.

Sobre a ponta, que avança para o mar, á entrada do canal, está o *Serralho* ou o palacio do grão-senhor, (1) cujo vasto recinto occupa quasi todo o logar da antiga Bysancio. Este palacio, de fórma muito irregular, está separado da cidade por muros edificados com esse fim. Tem jardins onde se cultivão legumes, e fructos destinados para a mesa do padichá, da sua corte, e casa. Seis hospitáes exteriores, dos quáes é um para as mulheres, recebem todas as pessoas, que estejão affectadas ainda mesmo da mais leve indisposição, e graças a estes estabelecimentos, a peste, flagello tão commum em Constantinopla, causa raras vezes estragos no serralho. Collocado sobre a ponte de que acabamos de fallar, d'elle se vê entender-

(1) O nome turco *Jéni Saraï*, significa palacio novo, por opposição a *Eski-Saraï*, antigo palacio.—Nos trez angulos do triangulo cuja ponta o sarai faz, ainda se observão ruinas de antigas fortalezas.

se ao longe o canal de Constantinopla, similhante a um bello rio de extraordinaria largura, situado entre duas verdejantes margens, guarnecidas por innumeros jardins, e cazas elegantes, que parecem outros tantos palacios encantados. Á esquerda, descobre-se a entrada do porto ao qual os Byzantinos chamavão *Chryso—Keras*, corno de ouro, porque era para elles um manancial de riquesas. Este porto é um golpho, formado pelo mesmo canal de Constantinopla, cujas aguas, avançando profundamente pelo interior das terras, offerecem abrigo seguro aos navios, e permittem ahi collocar-se todo e qualquer estabelecimento maritimo. Acha-se por toda a parte fundo conveniente, e a corrente do Bosphoro, alimpando o sempre, conserva o asseio, e salubridade.

Ao norte do porto estão muitos arrebaldes assás populosos, cujos habitantes passão continuamente de uma para a outra margem. (2) O primeiro, ao entrar, á direita, é o de *Galata*, habitado por Turcos, Gregos, Armenios, Judeus, e negociantes europeos. Este arrebalde é como a cidade, rodeado por muros, porem não tão fortes, e cahem em ruinas. (3) Á cima, está o bairro franco de *Pera*, residencia dos embaixadores: alem dos commerciantes do nosso paiz do occidente, é habitado por grande numero de Gregos, e Armenios.

É na vesinhança deste arrebalde que está o cemiterio dos Europeos, e d'onde se divisa, sobre uma eminencia, outro arrebalde bastante grande chamado *S. Dimitri*. Por sua posição elevada. Pera domina a cidade, e a entrada do Bosphoro. Abaixo logo está o bairro de *Top hane* (fundição d'artilharia), onde existem os principaes estabelecimentos militares; vê-se no porto, no declive da collina, o arrebalde de *Cassim-Pachá*, e acima o *Ters-hané*, ou arsenal, logar particularmente reservado para tudo o que diz respeito á marinha Turca. Na extremidade do porto para o este, está o grande arrebalde de *Eyub*, que tem uma mesquita imperial, na qual o grão-senhor vai cingir o sabre d'Osman, no dia seguinte ao da sua elevação ao throno, ceremonia que corresponde a sagração dos nossos reis.

Para alem do canal, sobre a margem asiatica, apparece *Scutari*, (4) a antiga Chrysopolis, que não é hoje para assim diser, senão um arrebalde de Constantinopla: é ahi que os peregrinos da Turquia Européa se reunem para fazer em caravana a viagem da Méca.

Esta exposição geral faz ver, que a cidade de Constantinopla não consiste somente no seu terreno triangular, mas tambem nos arrabaldes, aos quáes é precizo ajuntar a cidade de Scutari, e os estabelecimentos, e aldeias situadas ao comprido do porto.

(Continúa)

L. A. V. S.

(2) Pode avaliar-se em perto de 5,000 o numero das embarcações que passão diariamente o canal de Constantinopla d'um para o outro lado.

(3) Ao norte de Galata, extra-muros, está a torre de Galata (Galatah-Kulessi) Em suas ruinas estão postados certos guardas encarregados de dar alarme em caso de incendio.

(4) Este nome parece vir de *Skendarich*, cidade d'Alexandre. Pretendem alguns, que a antiga Crysopolis estava mais ao sul, em *Kadi—Keni*, onde outros suppõe a antiga Chaledonia.

A PINTURA.

——É da pintura, d'essa arte sublime, que arrebata a imaginação, que toca ao coração, e ao espirito humano, e cuja influencia até mesmo nos habitos moráes é bem conhecida, dessa arte que parece dar vida aos objectos, que representa, não só pelo contorno dos traços, como pelo bem empregado das cores, que vamos tractar.

Irman da poesia, e da eloquencia ella produz extasis, anima as paixões; e igual á imaginação pode vagar pelas fecundas regiões das ideias phantasticas.

A pintura, destinada entre todos os povos antigos para propagação de ideias religiosas, e uteis, e cujo benefico poder tem melhorado a sorte de muitos povos gravando lhes no coração ideias de amor e de virtude, apresentando lhes como modelo as acções heroicas de seus antepassados quadros de patriotismo, e de amor da liberdade, é um dom concedido por Deus aos homens; sua origem é desconhecida: ella nasceo com o homem cujo instincto de imitar os objectos, que o agradão, lhe deo principio; nasceo com elle, e como elle tem soffrido vicissitudes. Entre todos os povos, em todas as idades, tem apparecido, tem se desenvolvido, aperfeiçoado, e mudado conforme o genio, ou a necessidade, o estado de civilisação ou de barbaridade.

Duas cousas necessita o pintor, theoria e practica; com as trez cores, azul, encarnada e amarella, misturadas com a branca e a preta, para fazer o sombreado, e dar a claridade, consegue elle captivar os sentidos, fallar á alma, e ao coração.

A pintura torna perceptiveis ao homem as mais sublimes inspirações da alma, e as mais brilhantes concepções do espirito: excede á esculptura, e mesmo á poesia. Invenção sublime, que a posteridade levas a figura, e a imagem dos heróes, por ti as feições do heróe da França, de Napoleão, do nosso primeiro Imperador, do Grande Pedro, do auctor dos Martyres, e de outros, perpetuão-se e passão á posteridade como um thesouro. Tambem serves de linitivo á dor de um paé, que o filho chóra, revivendo-lhe na afadigada mente as feições deste.

Como encanta o ver-mos n'um pedaço de marfim a imagem adorada da esposa, do paé, ou de nossa mãe! de a poder comnosco transportar para toda a parte! Em dura ausencia como é bello contemplarmos as feições d'aquella a quem amamos! e em doces esperanças debuxar na phanthasia porvir risonho! deixar correr abrasadoras lagrimas! oh! lagrimas de amor, e de saudade, lagrimas que vem do seio d'alma.

O homem amante das artes não pode deixar de te reconhecer rainha dellas: gloria ao que primeiro lançou mão da tua muda linguagem para representar, e como dar vida aos objectos, gloria á aquelle, que possue o dom sublime de desenterrar do sepulchro os cadaveres, de arrebatar á morte a lembrança de entes queridos, conservando suas feições.

L. A. V. S.

POESIA.

*Ao meu Amigo *** por occasião da morte de D. ****

Cantata.

Deixou á terra o que da terra era,
Os bens ao Ceo levou, que o Ceo lhe dera.

Feliz de amor outr'ora entre carinhos,
De amor, que lhe offertara a bella Alcina,
Como em extas! ufano se enlevava
O carinhoso Elmiro!
A linda Amante,
Dos annos no verdor, da vida aurora,
D'encantos matizada,
Qual ainda em bolão punicea rosa,
De crystalino rócio borrifada,
Na serena manhã d'um claro dia;
Anjo divino, em cuja face pura
Candura e graças enfeitando ameigão
Seus attrativos seductores gestos:
Só era o enlevo seu, cuidado e tudo!

Mas dos mortaes, ó fado, sempre imigo,
Como transpões os bens em males tantos,
Azedando d'Elmiro hoje a existencia,
A doce outr'ora vida!
D'Elmiro, que feliz então, só hoje,
Guiado pela mão da desventura,
Libar na taça de infortunio acaba
Um dos trances crueis da humana vida!
Ah! quanto soffre Elmiro!!

.....

A desditosa Alcina,
Esse, que idolatrava, bem mais doce,
Em quem os olhos seus só se espelhavão
Delicias, mimos, divinal encanto
De sua alma de amor embriagada:
Esse caro penhor dos seus desvelos,
E perenal cuidado,

Oh! Deus!.... já não existe!... oh! dor... oh! pranto!
Já não existe.... oh! Ceos!... Da noite eterna
Já desdobrou-se o véo sobre seus olhos!!

Bem qual na quente sesta á flor, que murcha,
Sem que da fria noite o ar sereno,
Ou da fresca manhã candido orvalho,
Anime á recobrar o alento exhausto
Das mal seguras pequeninas folhas,
Que só ao sacudir das tenues azas
De leve brisa, que sussurra apenas,
Lá se despegão, vôão.... tudo ao nada!
Assim de Alcina torna a formosura
Ao inevitavel barro!

Da seva Morte a denegrida fouce,
Da carreira vital segando os passos,
Ah todas lhe roubou graças divinas,
Que, quaes estrellas mil o Céo matisão,
Nas lindas faces florecentes rião:
Sereno e casto riso,
Que meigo deslisava se nos labios
Secou se para sempre!

Quem tal dissera! oh! Deus! será possivel?
Será negra illusão, ou será sonho
Da varia phantasia,
Em que vagúea acazo a mente minha?!
Ah! não: prouvera o fosse...!
Ao alto ethereo assento,
Onde se firma o Throno sempre excelso
Do Senhor do Universo assoma, entra
A sua alma innocente,
E entre os Anjos igual repoiso assume:
Na terrea sepultura
Nesse de horror jazigo,
Que encerra da natura os dons caducos,
Os dons da formosura,
Descança o corpo della!

Tempo, tempo, que corres velozmente:
Porque teu curso não moraste um pouco?!
Ah mais ligeiros são que o pensamento
Os dias de ventura.!
E todos lhe roubara
A sorte malfadada?

Da tristesa e saudade
Seguindo a estrada, que o cypreste esmalta,
Dos olhos seus não mais de pranto esquivo
Pelo rosto deslíra o amargo pranto;
Co'a saudosa lembrança
A mente delirando, o peito gemo,
O peito seu, que todo á dor se entrega.

Corações haverão, que não lamentem,
Que não chorem tão rigido infortunio,
Amor vendo carpir, soltar suspiros,
Ao ver do estado merencorio-amargo
Do infortunado amante?
Oh! não por certo:—só ás rochas cabem
Tão rigida dureza!

Ah resigna-te, Elmiro, que entre os Anjos,
E á par do Bemfeitor da Humanidade,
Descança a tua Alcina:
E em quanto a dôr te acerba o peito afflicto,
Ao som da lyra lugubre, e saudoso,
Mas que te offerece o amigo endeixas tristes,
Ao Ceo envia teu saudoso pranto.

Nem mais Amores,
Nem alegria;
Da sorte impia
Soffro os rigores.

A bella Alcina
Já não existe!
Ao fado imigo
Ah! quem resiste?!

Nos labios puros
Risos murcharão,
Nas lindas faces
Flores secarão.

Meigos encantos
Da formosura
Goza em silencio
A sepultura.

Mimosas graças,
Com que ella ria,
Baixarão todas
A'campa fria.

Alma innocente,
Candida e pura,
Dos bens divinos
Goza a doçura.

Ah! sim descança
No ethereo assento,
Da dor em quanto
Sorvo o tormento.

Nem mais amores,
Nem alegria;
Da sorte impia
Soffro os rigores—

A. C. R. R.

INEDITOS.

(Continuado do N.º antecedente.)

§ *XIII. Da forsa do costume.*

Tambem fas pender muito a vontade para algumas acçoens, o Costume,

e ferquentação dellas, de maneira que quando o objecto se prezenta, parece que a alma corre para elle, e do mesmo modo, se intristece, e o appetece tanto, que se lhe auzenta, e obra acção tanto que se lhe prezenta o objecto della.

Porem não ha costume, que por antigo, que seja, distitua o homem do estado de que se quizer, não possa ao menos reprimir os movimentos exteriores a que está sugeito em algumas occazioens. E como na mão de cada hum está o adquerir hum costume, ou não; não deminue este, sendo máo, a enormidade das más acçoens, que delle procedem, nem sendo bom diminue o preço das boas acçoens, que elle manão. Porque da mesma sorte que huma acção boa he milhor, e mais louvavel, se tem por principio hum costume de virtude, a sim tambem huma má, he peor, e mais abominavel, se tem por principio hum costume de vicio.

§ *XIV. Das paixoens.*

Entre o que se fas de sangue frio, e o que se fas movido de um empulso de paixão, ha huma differensa. Porem se com cuidado assido o se cuida em as moderar, não ha nenhumas tão violentas, que se não moderem ao menos, o que basta para se não executarem os maos dezignios, que ellas inspirão. A paixão he hum dezejo desordenado, por excessivo, que obra a vista de hum bem, ou a vista de mal: Humas subssistão adquerir alguma couza agradavel, e outras evitar alguma má: Differensa esta muito necessaria, para a imputtação dos actos, que dellas procedem. Porque a constituição da vida humana, não só quer se reputem mais culpaveis os actos procedidos da primeira, do que os que procedem da segunda; mas ainda que quanto maior for o perigo, a vista do qual houver a paixão, mais disculpaveis sejam os actos que della procederem: Por ser muito mais facil a qualquer homem o passar sem hum bem desnecessario á sua vida e nunca pessuido; do que expor-ce a hum mal, que certamente seria a destruição da sua natureza.

§ *XV. Da bebedice e das mais doensas que privão do uzo da rezão.*

Allem das doensas naturaes, que privão os homens do uzo da rezão, ou por toda, ou por parte da vida; Temce visto em varias nacçoens, gentes, que volluntariamente, adquirem huma doensa, que, posto que de pouca duração, em quanto dura, priva bastantemente dp uzo da rezão, o qual he a bebedice, cauzada por alguns fumos, ou bebidas, que pondo o sangue, e os espiritos animaes em hnma grande agitação, oubriga os homens a diversos excessos, principalmente, a colera, a temeridade, a audacia, e a huma extraordiuaria, e tal allegria, que parece estar fora de si, e ser outro do que, quando nao está bebado. Esta bebedice nem sempre priva totalmente, do uzo da rezão. Porem ainda quando chega ao seu summo grão, sendo por culpa propria, devem-ce tratar as más occões, e crimes, que della procedem, com mais rigor, que piedade.

§ *XVI. Das acçoens involluntarias, ou forssadas, e mistas.*

Da mesma sorte, que se chamão vollutarias aquellas acçoens, que são espontaneamente obradas; se chamão involluntarias aquellas, que são obradas contra a vontade de quem as obra; tambem dando a este termo hum segnificado mais extenso, comprihende as acçones obradas por huma iguorancia invencivel. Involluntario, he, o mesmo que contra vontade, e obrigado por hum principio exterior mais podorozo, que o constrangido, que obriga a fazer alguma couza, que elle mostre não quer fazer, principalmente rezistindo com o seu corpo. Tambem se reputtão involluntarias (ainda que em sentido menos proprio) aquellas acçoens, a que alguem se rezolve a

obrar pelo medo de hum grande mal proximo, que o ameassa, não se executando a acção; o qual o obriga a tomar este partido como o menor dos dois males, havendo para este huma repugnancia tal, que se não tomaria sem huma tam urgente necessidade. Porem a sua mais propria denominação, he acçoens mistas, por ser volluntarias, e involluntarias: São voluntarias; porque a vontade as escolhe, como o menor dos dois males. E são involluntarias; porque são obradas sem plenna, e inteira liberdade da vontade.

JOHN POKER.

(Por Maria Ayeard.)

——No reinado de George III, n'essa epocha em que se não ouzava dar um nome á molestia deste principe, e em que alguns relampagos de *rasão* ainda atravessavão o seu espirito já meio insensato, os arrabaldes de Londres erão infestados de ladrões attrevidos e numerosos, e John-Bull, em sua alegria sempre excentrica, bastantemente ria das provações perigosas a que algumas vezes se submettião os lords da camara alta quando querião deixar Londres para hir ás suas terras. John Poker (João Fourgon, tal era ao menos o nome que tinha adoptado) era o mais audaz, e o mais intrepido d'esses heróes das estradas. John Poker era de um caracter original e de uma galantaria, que alguma reputação lhe havia grangiado em Londres; as senhoras não tenião de o encontrar; tratava-as com todo o respeito, deixava lhes as suas joias, e só ás bolsas dos maridos é que se dirigia. Com tal generosidade, de que tantas vezes havia dado provas, era implacavel em sua vingança, e o homem de quem alguma offensa tivesse recebido, cahiria ferido, sem que se podesse saber donde partira o golpe. Ignorava-se se era moço ou velho, e algumas mulheres, que disso se não gabavão, unicamente sabião o que pensar á respeito de sua idade e qualidades.

Uma tarde um mancebo tinha parada na Exchange—Street, em frente de uma bella casa, que considerava com attenção; a noite tinha vindo, e a rua estava deserta; um individuo bateo no hombro do observador:

—Sir Ralph, lhe diz elle, designando a casa com o dedo, as janellas são muito altas, a porta bem fechada, e defficil de penetrar-se dentro.

«Conheceis-me, senhor?

—Perfeitamente; tenho a honra de fallar a sir Ralph Winking, porta-estandarte do rigimento de Devonshire, apaixonado de miss Diana O'Brien, filha de um par irlandez....

«Continuai, senhor, diz sir Ralph com um tom de desdem.

—É bem facil, redarguio o desconhecido; amais miss Diana, rica herdeira. Lord O'Brien, seu páe, vol-a recusou, até mesmo prohibio-vos que entrasses em sua casa, e parte amanhã para Dublin; ora vós, que vos suppondes amado da joven miss, quereis roubal-a para lhe fazer seguir o caminho da Escocia, e medís com os olhos a altura das janellas.

«Senhor, respondeo sir Ralph, á pessôa nenhuma communiquei os meus projectos, e a não ser um rival ninguem os poderia ter advinhado: sois meu rival, amais miss Diana?

—Cumpre fazer uma distincção, sir Ralph; sou vosso rival sem com tudo amar miss Diana.

«Confessais que não a amais, e quereis esposal-a?

—Sou mais franco que vos....

«Senhor....

—Sim, sem que o digaes, eu sei que gostaes mais das bellas terras do lord do que dos bellos olhos da filha; porem não é disso que se trata, eu não tenciono esposar miss Diana.

«Não sois pois meu rival?

—Logo mais explicar-vol-o hei: o que vos posso dizer é que, se for do vosso agrado, roubarei para vós miss Diana.

«Vós...

—Sou sympathisei com vosco, tendes uma figura de que muito gosto, quero fazer a vossa fortuna: certamente, porque póde um bello rapaz não esposará uma rica herdeira? Vos só não conseguireis nunca o que pretendeis; porem eu posso collocar-vos em uma situação bastante favoravel, posso dar-vos o merecimento de prestar um grande serviço a lord O'Brien, ou ao menos de parecel-o, de maneira que conceder vos ha depois a mão de sua filha.

—Oh! senhor, exclama Ralph, acreditai que o meu reconhecimento....

—Meu Deus, diz o desconhecido com ar de indifferença, tendes me encantado, e estou disposto a fazer alguma cousa por vós.

«Porem, senhor, replicou sir Ralph tomando maneiras mais respeitosas, sois algum parente, ou amigo de lord O'Brien? Tendes sobre elle muita influencia?

—Nem sou seu parente, nem amigo absolutamente! quanto á influencia sobre o nobre lord!—nem o conheço.

«Quem sois vós pois?

—Sou John Poker.

«John Poker o....

—Esse mesmo.

Sir Ralph recuou um passo, e apesar da obscuridade poder-se hia ver que o ladrão de estrada era mancebo, bem feito, e da mais interessante figura.

—Vede, sir Ralph, lhe diz John Poker, se vos convem dever-me a mão da mais rica herdeira da Irlanda, quanto a mim o que faço é uma mera cortezia, um capricho; quanto á vós o caso é outro, nada mais tendes do que o diploma de porta—estandarte do regimento de Devonshire, que não é grande cousa; lord O'Brien não vos dará sua filha; a não haver pelo menos um incidente, que eu bem poderei fazer nascer, nunca consiguireis roubar miss Diana; ella sempre a isso se apporá, e dentro em tres mezes seu pae casa-a; assim, nenhuma esperança.... Offereço-vos um meio.

«Qual é?

—Um momento; tendes liberdade de acceitar ou recusar; porem em qualquer dos casos preciso do vosso juramento.

«É que, diz sir Ralph, evidentemente com intenções de acceitar, vosso meio não será talvez de uma rigorosa honestidade?

—Á isso vos respondo, redarguio sorrindo John Poker, que será inteiramente opposto a este mandamento do Decalogo: «Não roubavás.»

«Porem....

—Assim é mister se quereis esposar miss Diana; em summa promettei-me unicamente de me não trahir, que eu vos explicarei o que é necessario fazer-se.

«Eu o prometto.

—Vossa palavra de honra.

«Eu vol a dou.

—Escutai-me pois, sir Ralph; ambos nós cobiçamos a fortuna de lord O'Brien; vós contais apropriar-vos d'ella esposando miss Diana, e eu tenho tenção de assenhoriar me de uma parte de suas notas de banco atacando-o na estrada; eu sei que elle conduz para a Irlanda uma somma muito consideravel, que hirá occulta em uma almofada da carruagem, e que é destinada a um embolso; trata-se de quarenta mil libras sterlinas: é isto bastante tentador. Considerava já esta somma como minha, quando soube que tinheis tambem o projecto de roubar, não o dinheiro, mas a filha do lord. Vossa tentativa contrariava a minha; impedia talvez a lord O'Brien de continuar sua jornada, e isto não me convinha; prefiro unicamente atacar a carroagem de posta, porem bastante repugnancia sinto em roubar o dinheiro a um homem, que acabasse de perder a filha.... Alem disso provavelmente enganaste vos; miss Diana, como já vos disse, recusaria seguir vos; seu pae irritado nunca daria seu consentimento ao vosso casamento; venderia seus bens, ou os faria passar aos collateraes: seria isso uma violencia inutil.... Vamos, sir Ralph, reflecti nisto de sangue frio: não é esta a vossa opinião?

« Creio que tendes rasão John Poker; porem por que modo estás assim tão bem informado?

—E' esse o meu segredo, respondeo este; agora eis-aqui o meu projecto: amanhã vireis comigo e meus companheiros, postar-vos-heis a cem passos do sitio aonde tenho tenção de atacar lord O'Brien, roubo as notas de banco, e a filha. . . .

« Miss Diana?

—Certamente. Caminho com ella uma ou duas milhas, seguir-nos heis a galope, e quando nos encontrarmos, atiraremos ao ar dous ou tres tiros de pistola, roubar-me-heis a menina, e a restituireis a seu páe. Então, sir Ralph, vossa posição muda, não sereis um simples porta-estandarte sem fortuna, não sereis um aventureiro de boa cara, que se quer apropriar por violencia de uma rica herdeira, porem sim um salvador, um homem prestimoso, que com o perigo de seus dias restitue uma filha a seu páe, e, ou eu me engano, ou lord O'Brien conceder-vos-ha a mão de miss Diana, como recompensa de uma bella acção, que em verdade não vos terá custado muito.

Sir Ralph reflectio alguns instantes; a proposição era seductora; certamente bastante penoso era o associar se com um ladrão; porem a esperança de uma grande fortuna faz passar muita gente pela falta de delicadeza dos meios; havia recebido na vespera uma recusa formal do lord, que tambem vedou lhe a entrada de sua casa; o resultado do roubo que projectava fazer era incerto, e supposto mesmo que elle se realisasse, devia excitar a colera de um páe irascivel e zeloso de sua auctoridade; finalmente acabava de dar sua palavra de não trahir John Poker, e não lhe era possivel livrar o lord do roubo que contra elle meditavão.—Alem disso sir Ralph não era homem de uma delicadesa excessiva; contemplava miss Diana atravez da fortuna de seu páe, e talvez nem a tivesse amado se ella não fosse uma herdeira.

« Acceito, diz elle a John Poker, apresentando lhe a mão.

E os dous novos collegas deixarão Exchange Street e forão a uma taverna consolidar sua união com uma garrafa do Porto. Tudo ahi foi ajustado e combinado para o dia seguinte á tarde, a hora, o momento e os meios da execução. Apartarão-se finalmente, e sir Ralph entrou para casa. O vinho do Porto lhe havia subido a cabeça, e a audacia de John Poker estimulado seu natural attrevimento.

« Este John, pensava elle, não é um velhaco ordinario; vê as cousas em globo, calcula, raciocina, seu projecto é admiravel; ninguem duvida que lord O'Brien não me dá a sua filha a não ser depois de eu lh'a ter restituido, e que o praser de tornar a ver miss Diana sã e salva, depois de a haver perdido por alguns instantes, lhe não faça supportar com menos dôr a perda do dinheiro. John arranjou muito bem o seu papel e o meu.

(*Continua.*)

A. F. C.

——Ha homens tão corrompidos e velhacos, que, julgando os outros por si, se tornão incredulos sobre a existencia de probidade em alguem.

ERRATAS DO 3.º N.º

Pg.	Col.	L.	Erros.	Emendas.
18	1	23	de lyra	da lyra
20	7	28	de menestrel	do menestrel
21	»	6	delicioso, espe	o delicioso espe
»	»	»	ctaculo	ctaculo—
»	»	9	Alhamtra	Alhambra
»	»	25	Mohammad	Mohammed
»	»	29	hegira	héjira
22	1	23	que ahi	ahi
22	1	24	abobodadas	abobadadas
»	»	38	Kineralife	Xeneralife
»	2	25	vimos	vemos
»	»	36	na Universidade	nas Universidades
»	»	37	dos Mouros;	dos Mouros.

Typographia Maranhense. Anno de 1845.

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE

——*Em Sessão ordinaria de 11 de Maio ultimo forão approvados Membros Honorarios da Associação os Snrs. Drs. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal Antonio Gonçalves Dias, Ayres de Vasconcellos Cardoso Homem, Gregorio de Tavares Ozorio Maciel da Costa, Francisco José Furtado, e Tenente Coronel Fernando Luiz Ferreira, José Ricardo Jauffret; e outrosim Membro Correspondente o Padre Manuel Attino Barbosa, em Cururupú.*

A ULTIMA CONVERSAÇÃO.

(*Por Henri Berthoud.*)

——Achava-se o imperador Theodoro Lascaris na hora do passamento, deitado sob e a cinza, vestido d'habitos monacaes, e com as mãos crusadas sobre o peito.

Absolvido de suas culpas, preparado para este terrivel momento, e sobre tudo desgostoso das grandezas humanas, teria sem duvida aberto com alegria os braços para a morte, se não fora a lembrança do seu filho João, pobre menino com nove annos de idade somente, a quem ia talvez esmagar a cabeça, inda tão tenra, cobrindo a com o pezado diadema de Nicéa.

O Imperador chorava.

Porque era mister uma mão fiel e robusta, que sustentasse este peso sobre a cabeça de João; e o infeliz pae só via inimigos nos que o cercavão.

George Acropolito lembrar-se-hia sempre que por ordem do imperador tinha sido açoutado com varas como se fôra um escravo.

Fôra Musalon expulso do concelho a ponta-pés.

Miguel Paleologo..... Oh! se lhe fosse possivel esquecer uma noite fatal..... talvez que a esqueça, pois foi a unica vez em que o imperador foi cruel para com elle: Miguel será generoso. Chamai Miguel Paleologo, ide com pressa.

Um dos seus guardas foi, e voltou logo acompanhado de Miguel Paleologo.

Era já noite, e a tenda do imperador era apenas alumiada pela luz de uma alampada, que, continuamente agitada pelo ar que girava, apenas lançava um clarão vacillante.

Duas mulheres e um padre de joelhos ao pé da cama erão os unicos guardas do enfermo. Apenas Theodoro divisou o grande corpo de Miguel, fez signal que se afastassem ás pessoas que o cercavão, e ficarão em silencio estes dois homens em face um do outro.

Foi o imperador quem primeiro fallou.

—Miguel, tu odeias me?

"Sim.

—Todavia, mandei-te chamar junto do meu leito de morte para exigir de ti um serviço immenso.

"É porque sabias que nenhum outro t'o faria.

—Miguel, sempre te amei, tu bem o sabes.

Assomou aos labios de Paleologo um sorriso ironico e acerbo.

—Oh! Miguel sê menos severo nos teus juizos a meu respeito. Se algum dia vieres a reinar (livrem te Deus e os Sanctos de tal desgraça!) saberás quão desculpavel eu fui em te mandar prender, ouvindo em todas as bocas • elle inveja a tua corôa: elle conspira contra ti: elle, é moço, eloquente, amado pelo exercito..... • Mas deixa-me concluir, pois os instantes são preciosos. Ouve-me: pouco tenho a viver, deixo um filho, um pobre menino sem apoio. Nomeio-te seu tutor conjunctamente com Musalon. Recusarás este titulo?

"Acceito-o.

—E juras me, sobre o meu leito mortuario, e em presença de Deus, que nos ouve, que serás para meu filho um pai terno e dedicado?...

"Ouve.

"Amanhã, no teu enterro, mandarei assassinar a Musalon e a sua familia, para ficar unico tutor de teu filho.

"Oito dias depois irá teu filho para uma masmorra, á borda do mar.

"Um anno depois, mandar-lhe-hei vasar os olhos com um ferro em brasa.

O imperador, concentrando as poucas forças que lhe restavão, arrastou-se para fóra do leito, e lançou-se aos pés de Paleologo.

—Perdão, clamou elle, perdão para meu filho! Vinga-te em mim, fere-me com a tua espada, mas piedade para elle!

"Ferir-te com a minha espada! pouco tempo tens já de vida.

—Oh! piedade! eu t'o supplico.

"Theodoro de Lascaris, Deus é justo. Essa masmorra onde definhará teu filho, ahi definhei eu por tua ordem por espaço de tres annos; o ferro em brasa, que vasará seus olhos, será o mesmo de que te servistes para exasperares os gatos selvagens que devorarão minha irmã, por tua ordem, metida em um sacco cheio d'estes animaes.

—Mas é elle um menino innocente!

"Era ella tambem uma mulher sem culpa.

—Que crime commetteo elle?

"E qual era o crime de minha irmã? Não approvar o casamento de sua filha com o teu favorito Musalon. Esmagaste um coração de mãe; seja tãobem esmagado o teu coração de pae! Matastes uma mulher, morra taõbem um menino; é pena de Talião: é justiça.

—Pois bem! respondeo Lascaris, inda sou imperador. Olá guardas!

Miguel calcou com o pé o pescoço de Theodoro, e abafou seus gritos.

"Cala-te cadaver! Não sabes que um imperador moribundo já não reina? Mas de que serve impedir seus gritos, accrescentou elle levantando o pé; ninguem virá, ninguem correrá a soccorrel-o, e se alguem vier, só com um leve aceno meu lhe cuspirá no rosto.

Assentou-se depois ao lado do leito do imperador.

Uma hora se passou em silencio, só se ouvia o estertor do moribundo.

Cessou de repente o estertor, e um movimento convulsivo agitou a mortalha, que cobria a Theodoro.

Abaixou-se Miguel sobre o cadaver, e do seio d'este tirou o edito do imperador, que nomeava para tutores de seu filho Miguel Paleologo e Musalon.

"Soldados, chamou elle, está morto o imperador, e só a mim vos cumpre obedecer, como regente que sou do imperio de Nicéa. Eis as ultimas vontades do imperador.

—Viva Miguel Paleologo!

Gritarão milhares de vozes.

No dia seguinte, no enterro do imperador, foi Musalon assassinado.

Um anno depois, em uma fortaleza ás bordas do mar vasavão-se os olhos de um pobre menino, que nem tinha forças para resistir aos seus algozes.

A. R.

POESIA.

Á Tarde.

Oh Hesperus! thou bringest all good things—
Home to the weary, to the hungry cheer,
To the young bird the parent's brooding wings,
The welcome stall to the o'erlabour'd steer;
Whate'er of peace about our hearthstone clings,
Whate'er our household gods protect of dear,
Are gather'd round us by thy look of rest;
Thou bring'st the child, too, to the mother's breast.

Lord Byron.

Salve, ó virgem que tanto te assemelhas
A'muda noite no sereno gesto!
Quão placida e modesta teus effluvios
Pelas pardas campinas
Sobre as azas dos Zephyros diffundes!

Já com pallida luz as cumiadas
Dos montes doura o sol no extremo Occaso.
D'alli já modulando
Innocentes canções o gado tange
O vagaroso pastor da verde relva.
Lubrico e brando o rio se desliza;
Apenas enrugar-lhe a face amena
Os Favonios se atrevem deleitosos.
Reina o socego; só da branca penha
O lamentoso gemer soltar se ouve
Tristonho noitibó, que o reino proximo
Da treva assim saúda.
Gotejando suor então supplanta
No descanço o colono o afan diurno;
Cala-lhe o peito candida alegria,
E respirando apenas,
Gostosa vista pela terra estende.
Com a calejada mão da dura lida
O fadigoso instrumento ao lado pondo,
Vôa apressado aos braços da consorte,
Que anciosa o espera,
Qual princeza, da prole cortejada.

Não as Deuzas do Pindo, a'ti invoco,
Euzina cara; apressa-te a aplanar-me
A escalurosa encosta do Parnaso erguido:
Vem respirar commigo o ar da tarde,
Que estas veigas tão subtil recreia.
Oh quanto me é grato o contemplar comtigo,
A cujo lado de sentir mais folgo,
O recamado manto da fecunda Flora,
De que ora s'esmaltão estes prados!
Lá ouço ao longe da confusa brenha
Os magoados quebros derramar saudoso
O canoro sabia, Orphêo dos bosques;
D'entre as sombras argutas do coqueiro
D'aquem queixar-se o mavioso encontro,
Com os modulados accentos despertando
Deliciosa tristeza
No imo peito do mortal sensivel.

Por ente os ramos,
Em ledo adejo,
Murmura a briza:
De amor tocado,
Zephyro amado
Em cada estame
Da linda esposa
Risonhos beijos
Vai disfructando.

Da tarde aos risos
A cor pomposa
Garrida, e bella
Ostenta a rosa.
Expande o vulto,
[illegible]
[illegible]

Horas de sentimento, em cujo selo
De ruminar seus males folga a mente,
Qual o Athos de bronze, em quem gerado
Um melancholico pungir doce não hajas;
Qual o amante infeliz, qual o proscripto,
Da patria ausente os dias arrastando,
Que, ao olhar-te, á saudade não tribute
Um suspiro, uma lagrima não verta?!
Agora entre os marmores sentado,
Da desditosa virago outr'ora corte,
Nas gigantescas ruinas embebido,
Sobr'ellas lia das nações a sorte
Meditabundo o Gallico Philosopho!
Sublime Volney, quem senão a tarde
Guiou-te a mente, quando contemplavas
Da famosa Palmyra os tristes restos?

Da cava rocha, minada,
Soberbo as vagas alçando,
No sopé s'espedaçando,
Contra a barreira elevada
Geme iroso o mar bradando.
Nas ermas praias queixoso,
Lugubre pio exhaladdo
D'Alcion'o terno esposo,
Seu naufragio lamentando,
Se carpe em som lastimoso.

Que amavel quadro se me offrece aos olhos!
Por o ide quer que os dilate, já nas aguas,
Na densumbrosa selva, já nos campos,
Melancholia, amor, doçura encontro!
Sobre a tympha inclinadas se mirando,
Os cocares balanção as palmeiras;

No redil carinhosa,
Pelo feto suspira a mansa ovelha,
De que avaro senhor a despojára.

Sombra crepuscular, oh que lembranças
Não me vens avivar ao pensamento!
De prazer os instantes, e de penas,
Que alternos a vida se repartem,
Quão suave á memoria me revocas,
Logo após um gemido me arrancando!

O espaço undoso dividindo agora,
Por viração galerna conduzido,
Precario lenho aos Euros se confia?
Talvez que nelle as vistas arrazadas
Da lagrima da ausencia immoveis tenha,
Pelos doces penhores suspirosos,
Um pae annoso, entrestecida amante!
Oh, bem distante bravejem lhe as tormentas,
Vanzeie o mar, os escarcéos s'embinem!
Ao porto o levem protectoras auras
Aos naufragios alheio.

Mas já da noite o tenebroso manto,
D'habitação Cimmeria se lançando,
Vem dos bosques roubar-me a verde scena.
Adeus, oh tarde! languidos já soão
De minha lyra os dissonantes nervos,
Que a debuxar-te as graças se arrojarão.
Ah, quando em mim extincta a essencia humana,
Esquallido pó jazer com a eternidade,
Inda na morte se-me tão propicia,
Quanto em vida; e da louzã, compassiva,
Os horrores adoça ao teu valido.
[illegible] Correia.

A FÉ.

——É innato no homem o instincto da esperança de uma outra vida alem do tumulo, e desgraçado d'aquelle que sobre este objecto nutre no coração a menor duvida. O atheo, o materialista, o impio no fundo da alma alimenta-se de incertesas, e argumenta com falsos principios contra a rasão da consciencia, que muito forte lhe brada: O espirito não morre!

No leito da morte quando o homem se vê forçado a partir deste mundo, quão saudavel não é para o verdadeiro Christão a ideia de que vae entrar para uma nova habitação, onde não mais morrerá, e que somente o tranzito é que lhe vai ser um pouco doloroso — o adeus extremo á terra, o desligamento do espirito da carne; e que passada esta provação entra para a eternidade!

Afigure-se porem o revesso. O atheo nos paroxismos do passamento! Com que horror não contempla o des-

graçado a anniquilação eterna diante de si!— Em breve será pó, e nada mais. Um tronco arremeçado nas voragens pelo furacão da tempestade.

Fundada pelo filho de Deus a Religião Christã espalhou se sobre a terra sob os mais sanctos auspicios e com os maiores prodigios. Os apostolos do Divino Mestre com o Evangelho em uma mão e a cruz na outra adquirirão proselytos, e fizerão por todo mundo echoar o brado da Redempção. Milhares de victimas tingirão os altares da idolatria, mas o sagrado sangue dos martyres fertilisarão a Doutrina sagrada dos Discipulos de Jesus Christo. Perseguidos, injuriados, desprezados, tormentados, os primeiros Christãos a tudo se submettião com a mais sancta resignação; — a fé que lhes ardia no coração era tão viva, que por maiores que fossem os tratos e tormentos, com que os vexassem, mais se enthusiasmavão pela Divina Crença do filho de Deus, e terminavão seus ultimos instantes dando graças ao Senhor Supremo, e offerecendo em holocausto o seu martyrio. Epocha gloriosa sem duvida é essa para a historia da Religião.

A introducção do Christianismo no Imperio Romano, a lucta encarniçada entre a Religião Pagã e a de Christo, bastante sangue custou aos Sectarios da Lei da Graça. Quantas vezes o Coliseo se não vio ensopado de sangue das victimas christans, que os sanguinarios Imperadores Romanos mandavão expôr aos mais ferozes animaes! Com que prazer as turbas se não desalterarão no cruento espectaculo dos desgraçados delacerados pelas garras dos tigres e leões esfaimados e ferozes! Os membros vivos e palpitantes, as entranhas ainda quentes espalhadas pela praça, erão o barbaro alimento da populaça feroz daquella epocha. As catacumbas de Roma servirão por muito tempo de asylo aos Christãos foragidos; e alli muitas vezes os primeiros Bispos da Igreja Catholica solemnisarão os sagrados mysterios da Eucharistia. Não forão porem baldados os sacrificios, a Fé estabeleceo-se no Imperio Romano, e o Christianismo principiou a florescer com toda a sua magestade.

Com o derramamento da Fé pelo mundo civilisado veio a abraçar a Religião quasi toda a Europa, e então colligando-se entre si os principes mais poderosos daquella parte do mundo, resolverão conquistar aos Infieis o sancto sepulchro do Redemptor. Novos martyres se apresentarão a sacrificar-se em prol da Religião, e os cavalleiros da Cruz obrarão prodigios de valor nos campos da Palestina. Milhares de vezes esses campos ficarão juncados de cadaveres, o Jordão rolava nas planicies suas ondas ensanguentadas, e o valle de Josaphá ficava atulhado de ossos.—Longo e aturado foi o porfiar! —mas a causa justa venceo, e o tumulo Salvador foi conquistado!

Quanto mais forte era a resistencia que os tyrannos do mundo oppunhão á propagação da Fé, maior era o progresso que ella fazia; não havia [illegible] fosse que os martyres não arrostassem. A intima convicção da verdadeira Crença de Jesus Christo lhe havia penetrado até o fundo d'alma, e não duvidavão trocar a felicidade ephemera da vida presente pela immortalidade da futura.

Com o volver dos seculos o fanatismo, essa hydra horrorosa e terrivel, acobertando-se com o sagrado manto da Fé, ateou na Europa seu facho, acceso nas labaredas do inferno. Um falso zelo veio substituir a fé candida dos patriarchas da Igreja. Um tribunal de sangue foi instituido em nome de um Deus de misericordia, e chamarão lhe o Tribunal da Inquisição! Já não erão os exemplos sagrados da virtude que antepunhão aos olhos do mundo para o fazer abraçar a Lei Christã, era a fogueira e as torturas. Tormentos espantosos, cuja lembrança somente faz arripiar o cabello, e horrorisar o coração, forão inventados para esmagar a humanidade. Mil vezes a innocencia gemeo debaixo das suturnas abobadas dos carceres da Inquisição,

mil caprichos dos indignos ministros dos altares forão satisfeitos. Este infame tribunal era sem duvida obra do Inferno, ou antes dir-se-hia que Satanaz transportára para o mundo o seu tribunal maldicto.

Na historia de muitos povos encontrão-se scenas de horror com o titulo de zelo da Fé. Com a espada em punho, e a raiva no coração propagava-se na Azia e na America a Doutrina de Christo; fazia-se guerra de exterminio ao povo que se não queria submetter á Fé, como se um Deus todo de paz permittisse que a troco de sangue da humanidade se adquerissem proselytos, que com os labios erão forçados a confessar a Seita de Christo, e no coração votavão odio implacavel a uma Crença, cujos sectarios tão sedentos se mostravão de sangue humano.

Eis aqui motivos bastante fortes de decadencia para a Religião Christã. Felizmente porem essa epocha de horrores passou, e hoje as luzes do seculo fazem brilhar com mais serenidade os sagrados dogmas da Igreja Catholica Apostolica Romana.

Tem se conhecido que não se pode conseguir o progresso da Religião senão pelos meios brandos. Fazer nascer no espirito a verdadeira Fé, e convicção intima dos mysterios sagrados é o fim a que se deve propôr aquelle que tem a seu cargo a propagação da Doutrina. E oxalá, para bem da humanidade, que venha um dia em que todo o mundo tenha abraçado a verdadeira Religião plantada no Universo pelo proprio filho do Omnipotente.

A. F. C.

AS CARTAS DE JOGAR.

(*Por Ourry.*)

A invenção das cartas de jogar, bem como a descoberta da America, tem sido por muito tempo attribuida a um homem que unicamente soube assignalar se habilmente. Ninguem punha a menor duvida em que Jacquemim Gringonneur, pintor francez do XIV seculo, fosse o primeiro que inventasse esses pequenos cartões pintados, para divertir os instantes lucidos da demencia de Carlos VI. Porém dous sabios litteratos do seculo passado, o abbade Longuerue e o abbade Rive, provão, em suas desertações, que o jogo das cartas era anterior ao reinado deste principe. Uma peça authentica, que o demonstra, é um acto do concilio de Colonia, de data mais antiga, que prohibia esse jogo aos ecclesiasticos. Se o nome do verdadeiro inventor ficou desconhecido, ao menos parece certo que foi na Italia, e no principio do XIV seculo, que as cartas apparecerão pela primeira vez. Conforme as indagações do abbade de Longuerue, tinhão n'esse tempo 7 a 8 polegadas de comprimento (como as que são hoje conhecidas com o nome de *tarots*) e as figuras representavão um papa e imperadores.

Jacquemim Gringonneur não foi pois senão quem apresentou em França as cartas [illegible] destinadas para distrahir o rei Carlos VI nos intervallos de sua loucura. Uma somma consideravel para a epocha foi votada pela camara das contas para o pagamento do primeiro jogo feito pelo artista. Com tudo Gringonneur não se limitou unicamente a uma imitação servil: transportando este novo jogo para sua patria, bem se pode dizer que o naturalisou francez pela escolha das figuras, que substituio ás antigas. Algum tempo depois, no reinado de Carlos VII, aperfeiçoou sua pretendida invenção dando a essas figuras os nomes que ainda hoje possuem. De sorte que David, o rei de espadas era o emblema de Carlos VII, igualmente atormentado por um filho ingrato, e o rei de copas tomou o nome de Carlos magno, um dos mais illustres monarchas. Argine (anagramma de *Regina*) figurava na sota de paus a rainha Maria, esposa do principe reinante; Pallas, sota de espadas, a valorosa donzella d'Orleans; Rachel, sota de oiros, a terna Ignez Sorel; e a sota de copas, Judith, a mais que muito inte-

ressante Isabel de Baviera. Os quatro valetes, em sua origem *varlets* (titulo que correspondia pouco mais ou menos ao de escudeiro) erão os quatro valentes capitães, Ogier e Lancelot no reinado de Carlos magno, Hector de Gallard, e La Hire, no de Carlos VII. O resto do jogo offerecia uma especie de allegoria guerreira no gosto do tempo. Copas era o emblema da bravura, espadas e oiros representavão as armas, paus os viveres, as forragens e munições. O áz finalmente era, conforme a sua significação latina, o que sempre considerou se a principal fibra da guerra, isto é, o dinheiro.

O pintor Gringonneur deixou á sua patria um legado, que, sem duvida, muito tem contribuido para dissipar o aborrecimento dos ociosos, e para variar as distracções de nossos circulos; é bem para sentir se que ao mesmo tempo fornecesse um alimento de mais para a funesta paixão do jogo. O fisco de algum reconhecimento tambem lhe é devedor; [illegible] um imposto sobre as cartas, imposto este, sem contradicção, o mais moral de todos, mas nem por isso o menos productivo.

Indicaremos aqui em resumo algumas differenças que existem entre as cartas de que se fazem uzo na França, e as das outras nações principaes da Europa.

Em Inglaterra, onde, segundo alguns escriptores, forão conhecidas antes de o haver sido em França, servem-se na sociedade de duas especies de cartas de jogar. Umas, mais altas e largas um terço do que as francesas, apresentão igualmente figuras de reis, de rainhas, etc. muito mais gordas, e por conseguinte mais grotescas. Algumas alem disso nem trazem os nomes de *David*, de *Pallas*, etc. que se encontrão nas daquelle Paiz, e nem mesmo outros que os substitua. Na outra especie de cartas inglesas as figuras tem duas cabeças, uma por cima, outra por baixo, de sorte que o jogador não se vê obrigado a voltal-as; innovação esta que inteiramente se compadece com o gosto de um povo tão amigo do seu commodo, e do *confortable*.

Na Allemanha as cartas tem conservado alguns vestigios da edade media: aos reis, rainhas, valetes, ou *varlets*, ajuntarão uma quarta especie de figuras, os *cavalleiros*. Um jogo inteiro que em França não passa de 56 cartas, continha por muito tempo neste paiz 64, das quaes 21 tinhão por indicação o *diabo*, a *morte*, etc, etc.

A differença mais notavel que existem entre as cartas francezas e as de Hespanha e Italia, é que nestes dous paizes, os quatro naipes *copas*, *paus*, *espadas*, *e oiros*, são substituidos pelas quatro denominações de *copo*, *dinheiro*, *espada e pau*. Os Italianos tem alem disso suas compridas cartas, chamadas *tarots*, que forão, dizem, inventadas na provincia de *Faro*, na Lombardia, e das quaes se faz muitas vezes uso para o jogo na Palonia e na Russia. Sabemos que esses *tarots* representando [illegible] mais estravagantes, servem tambem entre as adevinhas e magicas, ainda assaz numerosas no seculo das luses, para formar o que vulgarmente chamamos o *grande jogo*.

A. F. C.

BIOGRAPHIA.

Alexandre Dumas.

(Por M.elle Ozenne.)

—— Alexandre Dumas nasceo á 24 de Julho de 1803 em Villers—Cotterets; seu pae, o general Alexandre Dumas, um dos nossos mais antigos officiaes superiores, um dos mais bravos companheiros d'armas de Napoleão, não lhe deixou por sua morte outra fortuna e apoio mais do que o seu nome. M. Dumas na interessante narração posta em frente da edição das suas obras, publicada em 1834, nos pinta sua mãe pobre e triste, entrando em seu quarto, quando elle completava vinte annos, para annunciar-

lhe quer a mãe, quatro de 275 fr. era quanto possuião. Sigamo-lo depois á Paris, onde os amigos de seu pae, Bellone, Sebastiani, e Jourdan, receberão no com uma tibieza desanimadôra. Felizmente tinha uma carta de recommendação de M. Dauré, um dos homens influentes do seu departamento, para o general Foy, para cuja eleição tinha no precedente anno vigorosamente contribuido: o general toma-o debaixo da sua protecção, recommenda-o ao Duque d'Orléans, e o mancebo entra para a secretaria deste principe, na qualidade de supranumerario com 1200 fr. d'ordenado. Quem suspeitaria então as producções audazes, as inspirações ardentes que brotarião um dia deste cerebro: não conhecia á si mesmo, unicamente se tinha sentido profandamente humilhado quando uma exclamação do general Foy lhe fez ver que nesse momento o unico merito que lhe dava valia era a sua bôa lettra. E certamente sua educação tinha sido das mais desprezadas: sua mãe nos refere ella, e uma de tal forma maicreado por sua excessiva ternura, *que era incapaz de tudo, menos de sacrificar-se por ella*; todo o seu saber compunha-se d'um pouco de grego, e latim. Ao interrogatorio que lhe fez o general sobre as partes mais essenciaes da instrucção, como as mathematicas, a physica, a chymica, e o direito, foi-lhe mister responder por uma confissão d'absoluta ignorancia; mas apenas instalado no Palais—Royal poz se, como tinha promettido ao general, a refazer a sua educação: estudou seriamente latim em Juvenal, e Tacito; um joven medico seu amigo, fe-lo seguir um corso de physiologia, e dêo-lhe noções de chymica e physica. Sua robusta constituição permittia-lhe, depois de ter consagrado dias inteiros ao trabalho da secretaria, de passar as noites a estudar. Comtudo, durante ainda trez annos, este espirito, que recebia tão avidamente tudo o que podia melhoral-o, exaltal-o, não sentio necessidade de produzir; mas viudo certo dia alguns actores inglezes representar em Paris o *Hamlet* de Shakspeare, o joven supranumerario assistio a esta representação, onde o conduzira mais a curiosidade do que o desejo d'admirar: porque não conhecia uma só peça do theatro estrangeiro, e nem se quer tinha a menor ideia do que ia ver. Em logar do divertimento d'uma hora, que viera procurar, achou profundas emoções, extasis, enthusiasmo; achou emfim a centelha á qual devia accender-se a inspiração, que dormia em seu seio. "Então, diz elle, occupei-me successivamente com estes grandes genios, Shakspeare, Corneille, Molière, Calderon, Goethe, Schiller (Ah! porque M. Dumas omittio Racine?) Emfim poz-se em face destes grandes homens, vivêo com elles, penetrou-se de seu genio; e depois lançou mão da penna.

(Continúa.) A. H. L.

JACOPO MARINI.

(CONCLUSÃO.)

Esta apparição produzio sobre Lucia e Matteo o effeito do raio.

Lucia lançou successivamente os olhos do rosto de seu marido sobre o de Matteo; vio um sorrir amargamente, e o outro ficar excessivamente pallido.

Com tudo, como ella não tinha se esquecido do juramento que lhe tinha feito Jacopo antes do seu casamento, disse-lhe com bastante socego e altivez:

—Meu marido, eu sou uma infame, mas tu juraste pelo sangue de Christo e pela alma de tua mãe que nunca levantarias a mão contra mim. Lembra-te!

—É verdade, disse Jacopo, estendendo a mão para sua mulher, e cumprirei meu juramento.

Então Lucia sentou-se, e aguardou o resultado desta scena como se ella não representasse o principal papel, não porque se julgasse salva, mas sabe-se que em certas occasiões as mulheres mais levianas patenteão uma energia admiravel; no intimo desta louca creatura havia uma coragem solida.

—Muito bem, Matteo, exclamou Marini, eis-te pois em minha casa, meu bravo amigo, comendo as minhas fructas e carne, bebendo meu vinho, deitando te no meu leito, e amante de minha mulher! Como achaste tudo isto, meu filho? Bom, não é assim? Tu vês como eu tinha arranjado minha pobre existencia, que queres, cada um faz o que pode. Ah!...

Marini por um momento entretevese em contemplar os dois amantes. Depois replicou:

—Portanto é mister que um de vós me pague, meus filhos. Dizei, que devo fazer? Aqui está minha mulher, que me enganou como uma infame que é, e que eu não posso matar, porque lhe jurei como acabas de ouvir, de nunca levantar minhas mãos contra ella; e tu es meu amigo, meu hospede, por isso és duas vezes sagrado para mim. E com tudo é preciso que me pagueis, eu vol-o digo.... é mister que um ou outro.... calais-vos.... bem o creio.... a questão embaraça-vos.

Elle tornou a callar-se, e tomou com affectação o ar de um homem que procura resolver um grande problema na cabeça. Depois dêo uma forte pancada no chão com a sua carabina; Matheo e Lucia estremecerão ao estrondo da arma. O assassino, o ferez bandido, tinha posto de parte a ironia.

—Toma, disse elle a Matheo em voz alta, lançando diante delle uma faca, que tirou da mesa, tu vas matar essa mulher; desta maneira tudo ficará arranjado.

Matteo sentio dispertar-se sua indignação, levantou-se e observou a faca com os olhos interpecidos pelo medo. Elle e sua cumplice estavão immoveis como duas estatuas.

Porem Marini dêo-lhe uma pancada com a mão na nuca.

—Vamos, não vês que é este o meio de salvar tua vida. Digo-te que eu mesmo não posso ferir a; não ouviste o meu juramento?

Matteo pegou machinalmente na faca.

—Não olhes para mim dessa maneira, animal bruto, mette essa faca na garganta d[illegible] mulher, e poderás partir. Faze isso [illegible]ssa; digo te que poderas partir, eu [illegible]o juro tambem, pelo sangue de Christo.

Estas palavras, que na boca do feroz montanhez antes parecião uma blasphemia do que um juramento, parecerão com tudo determinar Matteo, que adiantou-se para Lucia. Então despertou se o amor da vida no coração da rapariga; lançou um [illegible]to despedaçador, e disse com hor[illegible]:

—Como, Matteo, tu me [illegible]tarias.

—Elle te matará porque e[illegible] cobarde, gritou Marini com uma voz [illegible]el. Eis aqui o que acontece [illegible] mulher que se entrega a um cobarde. Vamos, acabemos com esta comedia; mais um minuto, mais um segundo de demora, maos a obra, tu ou eu.

E tendo recuado dois passos, chegou ao rosto sua carabina, e collocou a extremidade do caño no ouvido de Matteo. Este, fora de si, logo que sentio o frio do ferro sobre seu rosto, empurrou a mesa, segurou Lucia pela garganta, e apezar de seus horrorosos gritos, apezar da lucta que ella sustentou por um instante imprimindo as unhas no rosto de seu assassino, apezar de suas lagrimas, e murmurios de supplicas e de amor, este a empurrou até ao pé do leito, com a ponta lhe cravou a faca no seio, alli, por duas vezes.

Lucia moribunda pôde fazer o signal da cruz, e balbuciar algumas palavras de perdão á seu marido, que se tinha posto de joelhos ao pé della, emquanto Matteo se arremeçava fora da herdade todo coberto de sangue, e perseguido pelo latido dos cães; os dois velhos creados, que tinhão entrado neste momento, tinhão tudo visto e ouvido, prevenido, como estavão por Marini; e elles contarão no dia seguinte á todo o paiz a baixesa de Matteo.

Deitarão a infeliz no seu leito, pouco depois ella dêo o ultimo suspiro, apertando a mão de seu marido; que tornando a ser piedoso, depois de feita a justiça, depositou um beijo na fronte da culpada, a tempo de ainda poder levar consigo a idea de ter sido perdoada.

R. A. C.

ERRATAS DO 6.º N.º

Pg.	Col.	L.	Erros.	Emendas.
45	2	16	o que	a que
«	«	25	que sem esquecer observava	que observava, sem esquecer

ERRATAS DO 7.º N.º

Pg.	Col.	L.	Erros.	Emendas.
50	2	26	cincoenta	cinco
52	«	«	ao interesse	o interesse
53	1	24	cavada	cavado

Typographia Maranhense. Anno de 1845.

POESIA.

O DONZEL.

SOLÁO.

Enfant!
Donne moi sõn coeur, je te donne mon sang.
Les Burgraves.

I.

Já tremúla sobre o occaso
Do sol o disco fulgente,
Já se ergueo a lúa inteira
Lá das partes do oriente,
Ergueo-se a vóz da corrente
A vóz da briza fagueira.

Ergueo-se tenue e macío
Perfume de linda flor,
Erguerão as densas matas
Leve sussurro de amor;
A rude vóz do oceano
Proclama o seu creador.

II.

Eis que donoso mancebo,
Que brancas telas vestia,
Por senda patente clara
Em seu ginete corria!

Não vê no trepido occaso
Do sol o disco brilhante,
Nem da lúa scintilante
O deleitoso fulgor;
Não escuta o arfar dos bosques,
Nem das aves o carpido,
Nem das vagas o rugido;
Nem da tarde almo frescor.
Sentir pode!—Corre a briza,
Ouve-se extranha harmonia,
Mas na accesa phantasia,
Arde inquieto, immenso amor.

III.

Praticando n'outros tempos
Alguns velhos encontrou;
Louco! louco! murmuraram—
—Surrio-se o moço—e passou.

Velhos que a vida víveram,
Que já não sabem viver,
Que sobre a terra dos vivos
Não podem sentir prazer.

Uns aos outros se perguntam,
Quando em páz descansarão!
Já vivestes vossa vida,
Já não tendes coração.

Tendes o corpo alquebrado,
Tendes morto o coração,
Tendes a alma acabrunhada,
Não sentís uma affeição.

Affeição—ledice—amores
Sobre as cans não cresce o amor,
Como sobre a rocha dura
Não vinga mimosa flor.

IV.

Mais alem gentís donzellas
Folgando se divertiam,
Umas as outras chamavam
E leves dansas teciam.

—Onde vas, gentil mancebo,
Nesse correr affanoso?
Onde vas?—Detem-te—espera.
Não nos fujas pressuroso.

—«Vou-me longe inda esta noite
Vou rever os meus amores,
Em demasia—hei trahido—
Meu desejo—e meus ardores.

—«A vossa vida é ventura
Vosso sorriso innocencia,
Vossa alma formosa e pura
Não soffre dores d'ausencia.

—«Vosso amor é a flôr do prado,
É o surriso da auróra,
É o arbusto rosciado,
É a corrente sonora.

—«Disse e passou.—Eis renascem
Leves dansas na clareira,
Ledos gritos pelo bosque,
Leda scena feiticeira.

V.

E não pára—e prosegue—e devóra
Toda a senda o fogoso corsél;
Aos reflexos da lua brilhante
Vê-se o vulto do nobre Donzel.

Entreve-se os vestidos luzentes,
Entreve-se o corsel a fugir
Aos reflexos da lua brilhante
Vê-se as plumas da giosa lusir.

Que lhe importa que a noite o convide
A sereno e tranquillo scismar,
Que lhe importa o frondoso arvoredo
Que lhe importa agoureiro piar?

Que lhe importa a belleza da terra,
Que lhe importam estrellas ou mar?
Que lhe importa.... O mancebo não pode
Mais do que ella no mundo euchergar.

Ella é pura, é celeste, é mimosa,
É feitiço do nobre Donzel—
Ella o ama—assim disse—ella o espera...
Ledo o moço esporêa o corsel.

Temerario onde vas pressuroso?
Porque buscas na terra prazer?
Insensato! prazer neste mundo
Só no triste que espera morrer!

Porque affectos—ledice—e ventura—
Porque extremos d'accesa paixão,
São delirios que o tempo consome
São caprichos d'amarga illusão.

São espinhos de flôr, que não cheira,
Que á existencia—amargúra—cruel—...
—«Esta vida é uma festa d'enlevos,
É de flores»—clamava o Donzel.

E não pára—e prosegue—e devóra
Toda a senda—e se apêia—ainda mal!
Eis um vulto—ell-o corre!—e ja sente...
Penetrar-lhe no peito um punhal

N'esse instante de acerba agonia,
N'esse instante de louca paixão—
N'esse instante... pesou-lhe os extremos
Tão mal pagos—tão dura traição.

VI.

Virgem—virgem, que o amor recompensas
Por tal arte—tão dura e cruel—
Nunca sintas amor em tua vida
Nunca extremos de nobre Donzel.

Nunca escutes a meiga linguagem
D'amorosa—sincera—paixão—
E nas vascas da morte impiedosa
Do que estimas te colha a traição.

Julho 1 1845.

A. Gonçalves Dias.

SEU NOME.

Nomen, aut numen!

(POR VICTOR HUGO.)

O perfume de um lyrio, a luz d'aureola,
Do dia o rumor ultimo,
O pranto de um amigo que se afflige,
O adeus mysterioso, a fugaz hora,
O sussurro de um beijo,

A charpa septicôr, que a tempestade
Deixa nas nuveus, qual trophéo brilhante,
O grato som de voz reconhecida,
O secreto desejo de uma virgem,
D'um filho o primo almejo,

Um longiquo cantar, os sons que á Aurora
Dava Memnon harmonico,
O murmurio de um echo, todo o encanto,
Que o pensamento enleva, é menos doce
Que seu nome divino.

Baixo o profere, ó lyra, como a prece,
Porem nos cantos meus sempre resôe!
Do templo seja a lampada secreta!
Seja o nome sagrado que no fundo
Do sacrario se invoque!

Antes que minha musa arrebatada,
Desgarrando seu vôo,
Ouse a profanos nomes, meus amigos,
Juncter tão casto nome, que em minh'alma
O amor sumio qual cofre,

Sejam os puros accentos de meus hymnos
Como celestes cantos, que prostrados
Escutamos, e o ar todo commova-se,
Como se um anjo as azas sacudindo
Juncto de nós passasse.

A. F. C.

A DOIDA DE SALINS.

(POR MOLERL)

——Tenho a felicidade de contar no numero dos meus amigos o Doutor H., que ha quinze annos consagra todas as suas vigilias, todos os seus estudos, a uma das mais nobres tarefas da medicina. Depois de ter longamente apprendido nas escholas da arte a conhecer, atacar, e vencer as doenças do corpo, Amedeo se resolveo repentinamente a abandonar um caminho percorrido com gloria por outros muitos; não que desdenhasse uma sciencia cujos beneficios são abençoados pela humanidade, mas por ser chamado pela sua vasta intelligencia á esphera mais elevada; as doenças da alma tornarão-se o unico objecto de suas constantes meditações. Penetrado desta ideia—logo que o moral está ferido, é o moral que se deve curar em primeiro logar, estabeleceo uma casa de saúde para os doidos, na qual substituio aos aparelhos do empirismo, feliz applicação das forças da vontade, da paciencia, e da razão. O successo correspondeo aos seus generosos esforços; obteve resultados prodigiosos; e bem depressa a sua reputação tornou-se européa, e muitas familias infelizes saudarão o seu nome como uma esperança.

Entre os interessantes e numerosos episodios desta vida de estudo e dedicação escolherei um, cuja narração foi feita pelo meu proprio amigo.

Amedeo foi em 1839 chamado á Salins, por M. Desperrois, que tendo-lhe feito os mais brilhantes offerecimentos lhe escrevia, que da sua vontade dependia a felicidade de toda uma familia.

M. Desperrois era moço e rico; havião desoito mezes, que desposára Cornelia Ducange, cuja belléza era admirada por todos os rapazes de Salins: a quem os páes apontavão ás filhas como modelo de virtudes e talentos, e os maridos ás espozas como o da ternura conjugal. Uma menina de nove mezes, um anjo, quinhoava parte do amor desta familia tão bem fadada, ou antes dobrava o que já existia antes do seu nascimento. Que faltava pois a M. Desperrois? E nesta casa onde se achavão reunidos tantos elementos de uma vida sem nuvens, que porta se poderia ter aberto para a desgraça?

Uma quarta pessoa completava esta familia: Mme. Ducange, a mãe de Cornelia. Era uma mulher de cerca de quarenta annos, ainda bella, cuja physionomia agradava á primeira vista, mas que se não podia olhar muito tempo sem se sentir penivel emoção, e quasi um sentimento de terror que fazia tremer. Sempre assentada á uma cadeira de braços, olhar fixo, boca feixada poder-se-ia crel-a seriamente occupada em examinar objectos postos diante de si, ou cuidosa em apanhar as mais insignificantes palavras de uma conversação: se a mudança dos objectos, que seu olhar não seguia, se uma interpellação á qual não respondia não denotassem, que ella nada via, e nada ouvia. Nem se quer conhecia a filha, que todavia, lhe prodigalisava os mais doces agrados, os mais ternos cuidados. Uma vez por mez, despertava dessa especie de lethargia; então levantava-se precipitadamente e procurava franquear as portas e as janellas, que cuidadosamente estavão fexadas nessas occasiões. Seus olhos tornavão-se brilhantes; seus braços se retorcião de maneira convulsiva, e com vóz abafada, similhante á que durante o nosso dormir, penoso sonho arranca-nos do peito gritava: Fogo! Onde está minha filha? Quero salvar a minha filha! » Essa crise prolongava-se por algumas horas, depois recahia na sua precedente immobilidade.

A triste posição de Mme. Ducange affligia grandemente a Cornelia, não que o pesar, que ella sentia achasse alimento na dolorosa comparação do prezente com o passado; porque se não podia lembrar de ter visto em tempo algum, o mais fraco raio de razão alumiar esse impassivel rosto. Se porem o ser a quem mais devia amar no mundo não tinha jamais podido corresponder aos seus carinhos, se na sua infancia, na sua mocidade fôra privada dos soccorros e dos conselhos do seu guia natural, se emfim lhe tinhão faltado esses cuidados, essa vigilancia de todos os dias, de todos os momentos, que mais que a voz do sangue, fazem germinar no nosso coração o amor, e o reconhecimento, conhecia a catastrophe, que privando Mme. Ducange da razão, a roubára aos deveres, e ás doçuras da maternidade: sabia ella que essa alienação de nobre intelligencia remontava á grande dedicação da qual fôra objecto, a uma dessas dedicações sublimes, que não podem rebentar senão do coração de uma mãe. Assim a vista dessa infeliz, a quem não restava de vida mais que as apparencias tornára se para Cornelia incessante tormento: causa innocente de tão triste infortunio, accusava-se com tanto pesar como se para isso tivesse concorrido; chegava até a agoniar se com a sua felicidade de espoza, e de mãe, e quando cedendo ás doces exhortações de seu marido, deixava por complacencia um sorriso assomar aos labios, havia nesse sorriso uma expressão, que fazia mal.

M. Desperrois casára por amor, e longe de enfraquecer-se como acontece nessas uniões, a sua ternura parecia adquerir cada dia mais força, para levar o socego, e a alegria ao coração de Cornelia, não hesitava em sacrificar parte da sua existencia. O acaso tendo-lhe feito ler uma obra, na qual erão citados differentes curativos

operados por Amedeo, julgou elle descobrir n'essa circumstancia um aviso do céo; escreveo ao joven doutor e o esperou com inexplicavel impaciencia, olhando como perdidos para a felicidade todos os instantes, que decorrerão até o momento da sua chegada.

O primeiro cuidado d'Amedeo foi saber se a alienação das faculdades intellectuáes se tinha manifestado em Mme. Ducange violentamente ou por symptomas successivos, e em que circumstancias se declarára. M. Desperrois respondeo da maneira seguinte:

« Mme. Ducange, viuva seis mezes depois do seu casamento de um espozo, que adorava, tirou do amor maternal bastante coragem para supportar esta primeira desdita. Estava gravida e alguns mezes depois deo á luz uma menina na qual se reconcentravão todas as suas affeições. Seus labios tiverão mesmo sorrisos para Cornelia, a alegria reappareceo no seu olhar; sua vida tinha um ponto de ternura no prezente, uma esperança de felicidades e orgulho no futuro. Seu logar de todos os momentos foi d'este então juncto do berço de sua cára filha; attenta a adivinhar suas necessidades, soffrendo as suas mesmas dores, gozando do seu bem-estar, guardando-a com a sua prezença mesmo durante o seu somno, chocava-a com os olhos como o faria um avaro ao seu thesouro, e na continua aprehensão de que a sorte não viesse roubar-lhe esse ultimo bem, industriou-se a lhe fazer com os seus abraços, e vigilante solicitude, um escudo, que a tornava invulneravel.

Tinha Cornelia um anno apenas, quando teve logar o terrivel estrago, que transformou toda uma cidade n'um montão de cinzas, e abysmou n'um só dia mil familias na consternação e no desespero. No momento em que o incendio começava a devorar Salins, estava Mme Ducange em caza do seu tabellião, que a mandára chamar para o debate de alguns interesses de successão. Aos primeiros gritos de alarme foi o pensamento de sua filha, que lhe veio immediatamente ao espirito. Sahio precipitadamente e se pôz a correr com a maior velocidade possivel per a grande praça onde estava situada a sua caza. Horrivel espectaculo ahi a esperava. Já o fogo se tinha apoderado do andar inferior, e as chammas se estendião violentamente a través das portas, e os caixilhos cujos vidros se quebravão e voavão em pedaços. Ao ver tão horrivel cousa Mme. Ducange fóra de si precipitou-se para a sua caza gritando. « Minha filha! minha filha. »

Alguns homens a quiserão reter.

—Deixai-me, diz ella, deixai-me! minha filha lá está, quero salvar a minha filha.

« E como em vão se debatia no meio da multidão que a rodeava:

—Uma fortuna, gritou, tudo o que possuo a quem salvar a minha filha.

« Morno silencio porem foi a resposta que obteve, por quanto os que a piedade ou esperança de ganho podia animar, bem depressa se convencerão de que morte certa seria o unico preço de tal temeridade.

« Então lançando um olhar através da multidão da qual se desembaraçou por um esforço sobrenatural, Mme. Ducange franqueou d'um salto a distancia, que a separava de sua casa, e para logo desappareceo n'um turbilhão de fumo e chammas. Houve no coração de todos os assistentes um momento de penivel angustia, á qual succedeo bem depressa gritos de aplausos e de enthusiasmo. A intrepida mãe reapareceêra qual relampo: trazia nos braços um berço. Espavorida, arquejante, não parou senão quando julgou o seu precioso fardo em segurança; chegada no meio da praça deixou-se cahir de joelhos, largou o berço quietamente no chão e com o rir nos labios levantou a cortina, que o cobria.... O' dôr! a creança não estava ahi!

« Levantou-se como furiosa, e quiz de novo voltar á casa; no mesmo instante ouvio-se horrivel estalo; a casa desabára!

Mme. Ducange cahio inclinada sobre o berço, immovel, sem derramar uma lagrima, sem dar um grito.

« N'esse momento corria para ella um homem trazendo uma menina; era João, um dos seus creados, que logo ao primeiro incendio do fogo se tinha apoderado de Cornelia, e abandonára a casa; João porem tarde encontrava sua ama, a pobre mãe enlouquecêra! »

Ouvio Amedeo essa narração com vivo interesse; porem nos seus olhos, que lagrimas de sensibilidade humedecião, vãmente procurou M. Desperrois ver brilhar uma esperança.

Amedeo ainda perguntou se a loucura de Mme. Ducange não tinha sido algumas vezes interrompida por apparencias de voltar á razão. M. Desperrois respondeo negativamente, e falloulhe então das crizes, que se manifestavão todos os mezes, sem produzir modificação alguma no seu estado.

—Essas crizes, disse Amedeo, serião talvez uma taboa de salvação se vossa sogra fosse mais moça, ou o seu mal menos antigo; mas devol-o declarar francamente, tudo o que acabastes de referir deixa-me poucas esperanças; infelizmente ha limites a que não são dados á sciencia humana ultrapassar.

M. Desperrois estava consternado.

—Pobre Cornelia, disse elle suspirando; o eu me dirigir a vós já tinha dado algum consolo á sua alma; ella vos esperava como um salvador, e não respondeis ás suas avidas perguntas senão

com uma confissão de impossibilidade! Oh! meu Deus! como receberá ella este ultimo golpe? Rogo-vos doutor, poupai a sua fraqueza; similhante resolução, precipitadamente annunciada matal-a-ia, tenho toda a certeza.

—Para esta ao menos não serião inuteis os meus esforços, porque é que devemos ver se curamos; é preciso combater essa melancholia de que me fallastes, e que a definharia insensivelmente: deixai-me trabalhar, e consenti que fique somente alguns dias em vossa casa.

M. Desperrois agradecia a Amedeo apertando-lhe a mão com effusão, quando Cornelia entrou trazendo nos braços a sua filhinha (Maria se chamava) de desoito mezes então, a qual por um momento entregou as caricias de seu páe, e sobre a qual o seu amor maternal chamou immediatamente a attenção do doutor; é uma necessidade para todas as mães o fallar dos filhos, e fazel-os admirar.

Mas o que mais que tudo espantou a Amedeo foi a prodigiosa semilhança, que notou entre Cornelia e a filha. Seu espirito pareceo mesmo grandemente occupado, desde que fez essa observação. Todavia não se esqueceo do que promettera a M. Desperrois; sem illudir positivamente a pobre senhora evitou proferir uma só palavra que podesse fazel-a desanimar conseguio conserval-a algum tempo senão em inteira confiança, ao menos em duvida, que não deixava de lhe dar esperanças.

Muitos dias se passarão durante os quaes Amedeo parecia ter abdicado o caracter grave, e reflectido da sua profissão para se entregar ao encanto das palestras intimas da familia. Uma tarde forão por convite seu respirar o ar perfumado de um campo contiguo ao jardim de M. Desperrois. Ao debilitante calor do dia succedêra fagueira briza cuja frescura fazia experimentar ao espirito, bem como ao corpo, indifinivel bem estar. Cornelia e seu marido, encantados pela conversa viva e espirituosa do doutor não se apercebião da rapidez com que se passavão as horas, e a noite sobreveio sem que pessoa alguma cuidasse em retirar-se. Uma só pessoa como sempre, indifferente a tudo o que a rodeiava; era Mme. Ducange, que se tinha machinalmente deixado transportar na sua cadeira de braços, sem testemunhar mais alegria ou repugnancia, que se a tivessem deixado só em casa.

Um creado chegou se a Amedeo e lhe disse ao ouvido:—Tudo está prompto.

Amedeo não respondeo senão por um signal de cabeça, e o creado dirigio-se á uma pequena cabana que M. Desperrois mandara construir. Apenas se tinhão passado alguns minutos, quando se ouvirão gritos: fogo, fogo, e se vio sair da cabana uma nuvem de fumaça, e após ella torrentes de chammas, que acclararão subitamente todo o campo e dourarão o cimo das arvores com o seu reflexo avermelhado.

A esta vista, M. Desperrois e Cornelia levantarão-se sorprezos e cheios de terror.

Socegai-vos lhes diz Amedeo com voz calma; nenhum perigo correis; nem um movimento, nem uma palavra, que possa contrariar o meu plano.

E approximando-se de Mme. Ducange encarava-a fixamente e com anciedade, procurava ler no menor movimento dos seus musculos; interrogava alternadamente toda a sua physionomia como se receiasse deixar escapar o mais leve indicio de emoção. Via-se que se representava nesse momento para elle drama de muito interesse, cujo desfeixo ia contestar o triumpho ou a impossibilidade da arte unida á philosophia.

Ao primeiro signal de incendio o olhar da pobre doida pareceo animar-se; quando os gritos: fogo, vierão ferir-lhe os ouvidos a mizera estremeceo; levantou-se depressa; estendeo os braços para a cabana, e depois passou as mãos pela testa como se quizesse lembrar-se d'alguma coisa; a sua respiração se precipitou: sons inarticulados sairão do seu seio; por fim depois de extraordinarios exforços pôde gritar: Minha filha! salva! a minha filha!

Então um homem saio da cabana: trazia um berço depoi-o aos pés da doida; esta abaixou-se, levantou a cortina com a mão impaciente, ficou um instante em contemplação, depois levantando-se:

—Salva! obrigada, disse ella, obrigada, meu Deus.

E caio desmaiada.

No berço estava uma menina—Maria, cuja similhança com sua mãe tinha occasionado essa feliz revolução.

Oito dias depois desta scena, Mme. Ducange tinha completamente recobrado a razão, e a saude; e o meu amigo se arrancava saudoso dos braços de uma familia que bem quereria poder levantar-lhe altares.

L. A. V. S.

A SENTINELLA PERDIDA.

(POR FREDERICO DE SEZANNE.)

(Conclusão.)

Quando chegavam Bertha acabava de recuperar os sentidos, e tentava levantar-se.

—Estás ferido, Paulo? lhe diz o capitão Ulric.

—Não, lhe torna a donzella ainda tremula.

—Como é que te deixaste sorprehender sem ter nem mesmo tempo de descarregares a arma?

—Perdão, capitão, diz a rapariga, porem vendo-me de tal sorte cercada por todas as partes, perdi o conhecimento do que devia fazer, e por descuido deixei penetrar o inimigo, sem que me fosse possivel pronunciar uma só palavra.

—Pois que! foi por medo que terias deixado degollar teus irmãos d'armas, sem nem mesmo advertil-os?

Tu sabes quanto as leis militares são inflexiveis; o teu bom comportamento até hoje não te pode salvar d'um momento de descuido, e bastante pesar tenho de nada poder fazer em teu favor. Entrega as armas, Paulo; não obstante o pesar que isto me causa, forçoso é que a justiça se faça.

—Oh! meu Deus, diz a rapariga; da-me força para morrer; deixei deshonrar meu pobre irmão! mas é por ti, minha mãe. Queira Deus tomar a minha vida em troca da tua, e ditosa me considero se por meu sacrificio poder prolongar teus dias, ou ao menos suavizar-lhes o fim.

O dia começava a raiar. Já nos bosques ouvia-se o murmurio das aves, que saudavam a nascente aurora.

—Não verei mais surgir o sol! diz a rapariga, é hoje o ultimo dia. Pobre Paulo, quando souberes!... Oh! se fosse possivel que não viesse, minha morte expiaria a minha falta, e tudo se acabaria; ao passo que se elle chegasse agora, e sendo as leis militares tão inflexiveis, minha vida não poderia salvar a sua, e condemnal-o-hiam como dezertor. O' meu Deus! meu Deus! para onde o arrastei por falta de coragem!

Chegaram ao logar do julgamento.

A companhia de Paulo estava em armas; porque em tempo de guerra os julgamentos não são longos, e para um soldado que falta a seu dever, segue-se a expiação logo depois da falta.

Os chefes, apesar do desgosto que sentiam de serem obrigados a condemnar um mancebo tão valente, e que até então se havia mostrado cheio de honra, não o podiam salvar.

Foi pois condemnado á morte, e tal era a disciplina militar, que a sentença se devia executar immediatamente.

—Paulo, diz o capitão Ulric aproximando-se, nada tens a dizer a pessoa alguma antes de morrer? porque bem sabes que nada te póde salvar. Porem se te poder ser util em alguma cousa, conta commigo; dize-me o que queres, e as tuas ultimas vontades serão exactamente cumpridas; porque bem sabes, Paulo, quanto te estimo.

—Capitão, lhe diz a rapariga com voz tremula, eu tinha um unico fim, um unico desejo, e era de tornar a ver minha mãe!—minha pobre mãe, que morre de desesperação por me não tornar a ver.

Rogo-vos pois que mandeis alguma pessoa onde ella está, e lhe entregue a minha cruz; —é a unica lembrança que lhe posso deixar; e não consintais que pessôa alguma se venha informar do que aconteceo ao desgraçado Paulo.

Bertha pensou que seu irmão comprehenderia o risco que corria, e apressar-se-hia em voltar ao campo.

O capitão apertou-lhe a mão, e jurou que seu ultimo desejo seria fielmente cumprido; affastou-se a alguns passos, e o pelotão preparou-se para executar a ordem do official; os soldados apromptaram as armas. Um delles, que tinha sido amigo de Paulo, veio vendar-lhe os olhos, apertou-lhe a mão, e lhe disse adeus chorando, todos com pesar executaram aquella ordem, porque Paulo era geralmente amado.

—Preparar.... armas! grita o official; apontar!... ajunctou elle com uma voz quazi ininteligivel....

—Esperai! esperai! grita uma voz ao longe! E viram vir um homem a correr. Era Paulo. Todos se olharam com espanto, que quer dizer?... que significa isto?... exclamam todos! dois Paulos! qual delles é o verdadeiro?

—Minha irman, minha bôa irman! exclamou o mancebo lançando-se aos braços de Bertha, pois que! ias soffrer a pena ultima sem dizer a verdade! porque, confessando teu sexo, estavas salva! e ias morrer. Minha irman morrer por mim.

—Oh! meu irmão, chegastes dous minutos mais cedo do que devias; porque não és tú o culpado, e só sim eu.

Esta apparição poz todo o mundo em movimento, todos admiravam a dedicação e coragem da nobre donzella.

Ouviram rufar o tambor no campo. O imperador chegava.

È geralmente sabido como Napoleão gostava de intrometter-se nas emoções populares, e de representar um papel n'esses mil dramas da vida militar, onde apparecem, e multiplicam-se, tantos incidentes imprevistos. Nada lhe parecia superior a sua sollicitude, e nunca abdicava, nem mesmo em casos puramente secundarios, o direito que tinha da corôa e d'affeição de seus soldados. Quiz pois ser informado do que se passava.

Que é isto? para que esta execução? qual é o crime deste homem?

O capitão adiantou-se e deo conta ao imperador do sacrificio de Bertha, e do amor que estes dous irmãos tinham a sua mãe.

—O comportamento desta rapariga é sublime, diz o imperador, e quero recompensal-a. Concedote, diz elle a Bertha, o que pessôa alguma não poderia obter, o perdão e a escusa de teu irmão!

Ambos lançaram-se aos joelhos do imperador; e não achavam palavras para exprimir seu reconhecimento.

O imperador retirou-se, e os deixou entregar-se á alegria, que de boa mente partilhavam todos os assistentes.

Um anno depois celebravam na pequena igreja de Molena o casamento do capitão Ulric e de Bertha, que se tinha amado depois daquelle acontecimento. A bôa mãe Bertrand se havia perfeitamente restabelecido, a vista de seu filho lhe fizera recuperar a saude, restituindo lhe a felicidade. E era o bom cura quem pessoalmente casava a filha de sua predilecção.

A. F. C.

UMA LEMBRANÇA

EM TESTEMUNHO DE VERDADEIRA AMIZADE
Á MEU CORDIAL AMIGO

Luiz Antonio Vieira da Silva.

—UMA HORA DE MELANCOLIA—

Quel rayon d'esperance, quelle joie pure, brillent sur le visage de l'homme de bien! Il ne périt pas, il s'elance à une nouvelle vie, et c'est alors qu'il apparait dans toute sa grandeur.

J. J. Virey.

——Funereo dobre em Igreja de Christão nos annuncia o passamento de um

vivente para o seio da Eternidade—oh! quem foi que tragou o calix da morte! Um justo te-lo-ha bebido com socegada resignação—porem o máo... o que viveo vida de sobresaltos, e remorsos—oh! esse tema o transe derradeiro—O ultimo relampejar da sua vida... o seu ultimo suspiro irá acompanhado de uma ideia mundana, da lembrança de um crime:—no desespero das agonias e da dôr bradará pelo inferno, e cedo soffrerá no inferno o castigo das suas maldades. O justo, no despedir do mundo, olha a campa como um leito de socego, em que para sempre vai descansar das peregrinações da terra, bemdiz a Providencia, e cerra os olhos como no dormir da vida. Ora a Deus, e suas preces singelas, como o seu coração, vindas do sanctuario da alma, sobem puras ao throno do Altissimo,—arrependido de suas fraquesas confessa ao Sacerdote do Senhor, as culpas, que cometteo... os maus feitos, que obrou—expõe com contricção os seus peccados, e espera na clemencia do Poderoso, que soccorre aos fracos e desgraçados, e castiga os perversos e malvados: no sahir do mundo das illusões, sua alma, deixando o corpo, que animava, entra na eternidade, e goza do premio da bemaventurança, sua morte é sentida, e sobre o seu sepulchro vão os homens orar pela salvação de sua alma, e verter lagrimas como em holocausto á virtude do justo e do christão—Porem quão diverso é o passamento do malvado, e do Atheo! As consoladoras palavras de Religião e de Deus, que tão alto fallão á nossas almas, não achão echo em seus corações! Suas almas negras como suas maldades, se tem empedernido com o costume dos vicios;—no comprido carreiro de sua torpe vida não ha uma arvore, á cuja sombra se abriguem dos rigores dos crimes, nem um marco, em que descansem das fadigas dos remorsos. Tudo os affilige, e os desampara,—e a esperança... a propria esperança, que até nas ultimas vascas da morte nos acompanha, de todo os deixará. Miseravel ente! opprobrio da humanidade! teus crimes serão punidos, e teus castigos serão proporcionados á teus feitos. —O olhar desvairado, as feições horrendamente contrahidas mostrão os remorsos, que lhe estão de continuo apunhalando o coração, até que este cesse de palpitar;—no aproximar da morte, em vez de contricto implorar ao Senhor a protecção, e submisso e arrependido varrer do seu espirito as ideias criminosas, para assim abrandar a vingança do Senhor das Clemencias, maldiz a si, e ao mundo;—maldiz a Deus, e aos homens. Si ministros da Igreja o querem consolar, e mitigar as dores do passamento, mais exacerbadas ficão as suas iras, e mais crimes amontoão-se á seus maus feitos—até que a morte, essa inimiga com que todos os homens tem de combatter, e em cuja luta o fraco, o forte, o pobre, o rico, o guerreiro, e o covarde, o christão, e o Atheo, todos tem de ceder, apresenta-se-lhe com todos os seus horriveis tratos, e com seus terriveis horrores... vê já por entre espesso nevoeiro, que ante seus olhos se levanta, o fogo do inferno á espera da sua alma, e sua alma proxima a desamparar a habitação do corpo, para passar á morada da justiça, vê-a já horrivelmente penando as culpas da vida, e seu corpo lançado á terra sem as ultimas honras sepulchraes!—cerra os labios com o ranger dos dentes, e medonhas contracções denuncião a separação da alma, e em sua livida e desforme face fica estampada a malvadeza da sua vida. O mundo o despresa, e de todos os lados, em vez das bençoes, que se lanção ao homem justo e virtuoso, lhe chovem anathemas e imprecações;—este denuncia seus crimes, aquelle se queixa das suas perversidades, e ninguem vai chorar sobre sua campa, nem desfolhar goivos, e perpetuas sobre a sua sepultura—Este é o começo do castigo,—a justiça de Deus lhe marcará a pena. Homens do mundo, amai a Deus, e a vossos similhantes, e fugi dos crimes, para alcançardes o premio da bemaventurança.

J. J. F. V.

A ESPERANÇA.

——Na vida do homem um consôlo existe para todas as afflições e dores, por mais pungentes e penosas que sejam,—e ai daquelle que não experimenta em suas feridas esse balsamo sagrado, essa triaga que mitiga todas as torturas do espirito!

Que seria da humanidade senão fosse a Esperança! — Sagrada inspiração, que o Omnipotente, por effeito de sua infinita bondade, soprou no coração do homem para atravessar o marulhoso pelago da existencia!

Quando o homem desgraçado se vê combattido e esmagado por dolorosas angustias,— ai delle se lhe não lampeja no horisonte uma luz doirando-lhe o futuro!

Nas tempestades da vida, quando a alma verga ao peso do infortunio, uma voz suave e consoladora lhe brada:

Espera!

O proscripto longe da patria, da esposa, e dos filhos, curtindo amargos momentos de tristesa e de saudade, ouve a voz do seu anjo protector dizer-lhe:

Espera!

O escravo rojando ferros, auzente do seu ninho paterno, regando com seu sangue, e suor do rosto, a patria dos seus oppressores se por ventura ainda a alegria algumas vezes lhe vem enraiar o semblante, é porque escuta um grito solemne echoar-lhe dentro do coração, e dizer-lhe:

Espera!..... Espera em Deus!

De maneira que só de esperanças se alimenta o homem em todos os trances da vida. Esperando o dia d'amanhã, vai caminhando para o tumulo, e até mesmo nos ultimos instantes da existencia ainda appella para a Eternidade.

Eternidade!.... Oh! é a mais doce esperança que o exilado no globo póde conceber em sua mente,—quando attribulada por desgostos. Aquelle cujo horisonte carregado de grossas e espessas nuvens, bramando-lhe de continuo as borrascas por cima da cabeça, vexado de desgraças, miseria, e opprobrio.... ah! tudo lhe é toleravel em vista da esperança da existencia d'além—tumulo.

Oh! parece que é essa a unica taboa de salvação que existe para o homem; sem ella seria bem para receiar um horroroso naufragio.

Quando porem a desesperação se apossa da alma de um mortal por effeito de alg m revez do destino, ai delle, ai!— porque a bondade de Deus prestes o abandona, um crime muitas vezes lhe vem manchar as mãos no homicidio.... após este mais outro—até que se despenha no abysmo, coberto de maldicções e de remorsos.

E sendo a luz do Universo a esperança, quem ousará menospresal a, quem não fará por congraçar-se com a luz para não cahir nas trevas?!

Em todos os desastres que approuver a Deus enviar-nos, devemos apresentar o semblante sereno e o coração resignado, na esperança de que o Omnipotente póde transformar uma sorte adversa em um destino brilhante.

A. F. C.

CHARADAS.

Na formosa manhã que vem nascendo
Do dia sou brilhante mensageira; } 2
E em tragico poema eternisada
Aos pés calquei superstição grosseira. } 2

No mar profundo
Tenho apozento:
Presto aos viventes
Grato alimento.

P.

De flores filho, de animaes producto—1
Em Roma apos Hostilio fui Sobr'ano—2
De um Patriarcha esposa por engano—2
Do jugo das paixões é este o fructo!

Fulmina a morte—2
E faz penar!—1
Extranha sorte
Que hei de ornar
Salões e altar!

Typ. Maranhense. Anno 1845.

DESTRUIÇAÕ DOS JANISAROS

PELO SULTAÕ MAHMOUD.

——O actual sultão assemelha-se a muitos respeitos com Pedro-o-Grande: nelle existe a mesma determinação nas empresas, a mesma energia na execução, e a mesma severidade no cumprimento de suas ordens. Como Pedro-o-Grande, não pôde soffrer a arrogancia de sua guarda pretoriana. Pedro livrou-se de seus strélitz, e Mahmoud quebrou o jugo, que lhe impunham os janisaros. Havia muito tempo que o governo formava o projecto de introdusir a disciplina europea no exercito turco; Selim, antecessor de Mahmoud tencionára pol-o em execução; porem ainda não era tempo; pereceo victima da raiva dos janisaros.

O sultão Mahmoud conseguio conciliar-se com uma parte dos officiaes desse corpo previlegiado; subornou uns com dinheiro e promessas; e aterrou outros por meio de ameaças. Obteve delles que fornecessem cento e cincoenta homens por cada regimento, e alguns officiaes egypcios, que ja estavam ao facto da tactica europea foram designados para organisar e disciplinar essas novas tropas. Em breve tempo fizeram tão rapidos progressos, que o sultão deo ordem de se reunirem para uma revista geral na grande praça de *Etmeidam*, que era reservada aos janisaros, e onde se fazia a destribuição de viveres para esse corpo. As manobras começavam em presença dos ulemas, (1) dos ministros, e de todos os primeiros dignatarios do imperio, quando muitos janisaros se queixaram de que os fizessem executar manobras russiannas. Um official egypcio teve a imprudencia de ferir no rosto a um dos discontentes; foi este o signal da revolta: as tropas despersaram-se pelas ruas, roubando e insultando a todos os que encontravam. O descontentamento parecia tão geral que a policia não tomou expediente algum para pôr freio a seu furor. O aga (2) dos janisaros principalmente havia atrahido sua raiva pelo empenho que tomára em favorecer o novo plano de disciplina. Parte dos revoltosos invadiram-lhe a caza para o assassinarem, porem elle teve tempo de escapar-se; imolaram em seu logar o kiaga ou logar-tenente, quebraram tudo o que poderam encontrar em casa, e, em sua raiva, chegaram ao ultimo excesso, que podem commetter os musulmanos: arrombaram as portas do seu harem, e insultaram suas mulheres. O palacio da Porta, que o governo havia abandonado, foi occupado pelos revoltosos, aos quaes se junctára a populaça. Essa multidão desenfreada offerecia o espectaculo o mais desagradavel; os janisaros haviam calcádo aos pés o uniforme, e despedaçado o resto dos vestidos. Começaram por demolir o palacio, que saquearam roubando tudo o que lhe parecia de algum valor. Destruiram os archivos, donde suppunham haver-se tirado sua nova organisação.

Os janisaros desenvolveram nesta occasião um espirito de revolução, que nunca tinham manifestado senão em circumstancias extremas. «Tendo vindo a cidade, diz um viajante, a primeira cousa que prendeo minha attenção foi um homem extremamente gordo, vestido de couro com ornatos de estanho, agitando um chicote feito de tiras de couro. Vinha acompanhado do dois homens, tambem vestidos daquella forma, e que trasiam suspensa a um páo uma grande caldeira de cobre. Percorreram as principaes ruas em ar de auctoridade, e todos se arredavam immediatamente para lhe darem livre passagem. Soube que era a marmita de um corpo de janisaros, pela qual sempre conservavam o maior respeito.» Com effeito a sôpa era um caracter destinctivo dessa tropa, e o coronel era tambem chamado Tchor-Badge, —distribuidor da sôpa. Sua marmita era o seu estandarte, e quando a faziam sahir do quartel era esse o signal de um projecto desesperado. As marmitas de differentes corpos foram pois levadas a Etmeidam, destruidas no meio da praça, e em breve espaço de tempo vinte mil homens armados reuniram se aquelle sitio.

O sultão convocou um numeroso conselho, ao qual propoz que sahisse o estandarte do Propheta. Sua proposta foi adoptada. Servem-se desta reliquia sagrada, que dizem ser feita de um vestido de Mahomet, somente nas occasiões mais solemnes: haviam cincoenta annos que não era vista em Constantinopla. Foram buscal-a ao thesouro imperial, e transportaram-na á mesquita do sultão Achmet. Os ulemas e os softas marchavam na frente, e o sultão, acompanhado de toda a corte, a seguia por ultimo, recitando o alcorão. Foi este um grande acto de politica da parte de Mahmoud; porque por esta forma poz em jogo os prejuisos e o fanatismo de toda a nação. Apenas o povo foi informado deste acontecimento, milhares de homens correram a collocar-se á sombra do estandarte, patenteando o mais vivo enthusiasmo. O muphti arvorou o sandjack sheriff sobre a cadeira da magnifica mesquita de Achmet, e o sultão pronunciou o anathema contra aquelles que recusassem de ahi reunir-se.

Quatro officiaes superiores, indo ter com os janisaros para os fazer entrar em seus deveres, foram assassinados no meio de Etmeidam, e os revoltosos pediram que se lhes entregassem os ministros, para serem degolados. O sultão então pedio ao sheik-islan um *fetva* que o actorisasse

(1) *Ulemas*, titulo dado na Turquia a uma classe de homens de lei, por quem era eleito o *muphti* chefe da religião mahometana.
(2) O commandante.

a exterminar seus vassallos rebeldes, e fez contra elles marchar o aga-pacha, á frente de sessenta mil homens, nos quaes se podia confiar. Cercados de todos os lados no Etmeidam, onde se tinham confusamente reunido, não poderam resistir: a mortandade foi terrivel; metade delles ficou sobre a praça; os outros poderam apenas refugiar-se em seus kisias ou quarteis. Depois de haverem recusado entregar-se sob qualquer condição, o aga mandou pôr fogo aos kisias. Pode-se julgar qual foi então a situação em que se achavam aquelles infelises: os que escapavam ao fogo pereciam ao ferro. Entretanto sua desesperação foi fatal ao aga-pachá, que perdeo um numero consideravel de homens; quatro cavallos lhe morreram debaixo das pernas, e recebeo muitas feridas. Finalmente cessou a resistencia. A chamma extinguio-se, e o sol do dia seguinte veio alumiar um quadro espantoso:-ruinas incendiadas extinctas pelo sangue, pedaços de corpos sepultados em cinza ainda fumegantel

Durante os dous dias que se seguiram, as portas de Constantinopla estiveram fechadas, a excepção de uma unica por onde poderam entrar os fieis musulmanos do campo, que vinham em chusma, guiados pelo esmaum ou padre da parochia, para verem o sandjack sheriff. Os janisaros, que poderam escapar á mortandade do Etmeidam, foram imolados sem aquartelamento, de maneira que tanto as ruas como os quarteis estavam juncados de mortos. Durante todo esse tempo nenhum christão podia entrar em Constantinopla, por qualquer pretexto que fosse, e ainda que Pera só seja separada da cidade por um canal, com tudo reinou alli a mais perfeita tranquillidade. Todos entregavam-se sem interrupção ás suas occupações diarias; e talvez nem mesmo soubessem do que se passava em Constantinopla, e não fosse a vista do clarão do incendio e o estampido do canhão.

A exposição do sandjack sheriff atrahio muita gente á Constantinopla: é para os musulmanos uma cousa tão rara como sancta, e muitos delles avaliavam esta vizita como uma romaria ao tumulo do Propheta.

No dia seguinte de manhã o sultão anathematisou publicamente todo o corpo de janisaros, e até prohibio que seu nome fosse pronunciado. Nessa mesma tarde os *fellas* proclamaram por toda a parte que a tranquillidade se achava restabelecida.

Não se sabe ao certo o numero dos janisaros, que pereceram naquelle dia. Alem dos que se acharam mortos no Etmeidam, nos quarteis e nas ruas, uma grande quantidade foi estrangulada nas casas onde se refugiaram. Suppõe-se que não escapou á morte um só membro desse immenso corpo; todos os officiaes, a excepção de alguns de altos postos, que seguiram o partido do sultão, pereceram com as armas na mão. Calcula-se geralmente o numero dos mortos em vinte mil. Muitos carros foram empregados durante alguns dias em transportar os cadaveres, que lançáram no porto e no Bosphoro. Viam-nos fluctuar no mar de Marmara: e até muitas vezes os ventos os arremeçavam ás praias.

A superficie das aguas estava juncada desses destroços, que embaraçavam a marcha das embarcações, e pode-se repetir com verdade o que á respeito do navio de Xerxes disse um poêta:— que os corpos de seus soldados o impediam de proseguir.

(*Magasin Universel.*)

A. F. C.

DO ESPIRITO DA HISTORIA.

——Se o estudo da historia não nos conduzisse senão a adquirir o conhecimento dos feitos que assignalarão a carreira dos conquistadores, das epochas em que os imperios começárão de apparecer; se a mesma historia não nos entretivesse senão de combates, de homens celebres antes por suas posições que por suas virtudes, ninguem duvidará que um tal estudo seria tão esteril quão fastidiozo. Que nos importa, com effeito, que uma chronologia sempre duvidosa eleve pedantescamente questões frivolas sobre a maior ou menor antiquidade d'este ou daquelle povo? que os Phenicios obtenhão sobre os povos do Egypto a honra de uma antiguidade mais remota; nisso nada ha que possa offerecer um alimento ao homem que reflexiona. Este consulta a historia, dá-se ao trabalho de percorrer uma serie de guerras, de innumeraveis crimes e de raras virtudes, somente para ver d'ahi apparecer a luz eterna da sabedoria e da moral, para adquirir na instrucção do passado lições e uma experiencia, que sejão applicaveis ao prezente.

O fim da historia é pois offerecer ao homem lições do passado: essas lições não serão aprezentadas em forma de sentenças, mas brotarão naturalmente do quadro dos uzos e costumes, das leis dos differentes povos, que tem reinado sobre o globo. Daqui é facil concluir-se que poucos historiadores ha verdadeiramente dignos deste nome; todos, pouco mais ou menos, se tem limitado a referir feitos, e para chegar a conhecimentos de uma ordem mais elevada, tem sido preciso extrahir laboriozamente de um grande numero de escriptores noções, que nenhum tem aprezentado de uma maneira completa.

Um estudo prudente e reflectido da historia e o fim que se propõe todo homem que pensa. O rezultado do seu trabalho é apreciar as causas do augmento, do poder, emfim, da decadencia

dos imperios; ver as mesmas cauzas produzindo por toda parte e sempre os mesmos effeitos; as differenças de governos produzindo differenças no poder e na duração das nações; os uzos, a liberdade firmar os estados, a licença e a escravidão trazer-lhes a destruição. É isto o que entendemos pelo espirito da historia, e não se chega a tocar este espirito senão seguindo com a luz da razão os documentos que nos ficarão.

A primeira utilidade da historia quando a encaramos desta sorte, é fortificar no coração sentimentos de moral e de virtude. As acções dos homens, submettidas a equidade natural de nossos juizos, são sempre apreciadas pelo seu valor. Despidos de interesse pessoal, nós julgamos sem fraqueza e sem prevenção; só o bello tem direito de tocar-nos, e como não voltamos sobre nós mesmos quando acabamos de julgar o proceder dos outros? como atrever-nos a excuzar em nós aquillo que acabamos de condemnar nelles? como não tomar a resolução de imitar aquelles nobres exemplos que á cada momento, excitando em nós tão louvaveis movimentos, produzem tão vivas impressões?

Antes de estudar a historia é indispensavel ter ao menos algumas noções de geographia. O espirito quando ignora a natureza do paiz e sua situação se fixa mal sobre um povo. O clima tem uma tal influencia sobre os homens, que o legislador tem de modificar suas leis pela natureza das localidades; a base, sem duvida deve ter sido sempre a mesma, mas a forma tem devido variar, e com effeito tem variado. A moral é uma, mas os homens são differentemente influídos; os costumes do meio dia são não os mesmos do norte, e estas diversidades são sem duvida uma consequencia natural do estado physico do paiz. A geographia nem sempre dá estas noções interessantes, mas liga-se a ellas intimamente, e isso é sufficiente para demonstrar-lhe a utilidade.

Á cima dissemos que os feitos não tinhão valor a nossos olhos se não pela moralidade que delles se faz apparecer. Todavia esta asserção indestestada não exclue toda a especie de estudo chronologico, antes diremos que é indispensavel saber classificar os feitos e as épochas. O espirito humano não tem sufficiente extensão para abraçar de um só olhar o vasto desenvolvimente dos tempos. Nossa fraqueza necessita de um apoio e este apoio é a ordem, é o methodo. Pelo methodo estamos no cazo de seguir os progressos do espirito humano; o estudo de um povo nos conduz a estudar um outro povo; tal nação mais moderna recebeo suas leis de uma nação mais antiga, e é interessante ver a utilidade que áquella rezultou, os melhoramentos que ella deo a essas leis para as tornar proprias e convenientes á suas necessidades. É neste unico fim que nos parece util o estudo da chronologia; é retringê-la muito, não o duvidamos, mas toda outra applicação desta sciencia não pode ter alguma vantagem senão em cazos particulares. Pouco importa que um erudito faça um livro sobre uma data, e perca assim um talento algumas vezes muito real, mas importa muito que os trabalhos de MM. Champollion, por exemplo, sejão conhecidos e animados, porque o rezultado delles deve ser o estender nossos conhecimentos sobre um povo que transmittio a todos os outros suas artes, sua moral e suas leis. A chronologia assim esclarecida determina grandes épochas, e isto é tudo quanto a historia arrazoada tem necessidede de saber.

Um grande numero de povos se tem successivamente mostrado na superficie do globo. Differentes pelos uzos, pela religião, pelas leis, esses povos se tem conservado mais ou menos tempo; mas todos acabarão igualmente por desapparecer ou não tem deixado senão vestigios de uma grandeza decahida. A Grecia actual não é, e nem pode ser considerada como o mesmo imperio, que floreceo antigamente com uma gloria tão sublime. O mesmo nome, uma gloria que hoje podemos dizer rival, e alguns restos de uzos não são sufficientes para fazer um mesmo povo, quando as leis, a religião, as relações, tudo tem mudado, e quando o sangue dos barbaros ha manchado o nobre sangue, que girava nas veias dos Aristides e dos Milciades.

Entre essas nações que se tem succedido, algumas por seu poder, sua extensão tem dominado todas as outras e podem sós fornecer materiaes á historia, e observações ao philosopho. Primeiro se apresentão os Phenicios, os Egypcios, os Assyrios. Estes tres imperios forão diversamente celebres. Os Phenicos, essencialmente commerciantes estenderão suas relações mais longe que algum outro povo da antiguidade; as artes industriaes se unirão entre elles ao poder commercial; mas hoje a sua maior gloria é o terem sido o tronco desses Carthaginezes, cujo poder egualou ao do Romanos, e dos quaes Carthaginezes a queda engendrando por si mesmo a vingança, arrastou apos si o colosso romano d'então em diante sem contrapeso.

Os Egypcios, povo o mais prodente da terra, forão celebres por suas leis, ainda mais por sua sabedoria, que por suas artes, cuja perfeição attestão seus monumentos. Esta sabedoria os tornou poderosos e felices, quando mas quando no reinado de Sezostris elles ambicionarão a gloria das conquistas, sua monarchia se dividio, o imperio se enfraqueceo, e experimentarão que o fogo da conquista havendo devorado tudo voltou e devorou por seu turno aquelles que o havião empregado.

Os Assyrios formarão o maior imperio conhecido antes de Alexandre; seu luxo, suas riquizas forão a primeira cauza de sua queda. Os

Medos e os Persas, que brevemente forão senhores da Media, dois imperios formados de seus despojos, herdarão do seu poder, mas abandonando-se logo ao mesmo luxo, forão tambem derribados pela mesma cauza.

Os Gregos, até então pouco conhecidos, apparecerão sobre uma scena mais vasta, pela epocha do reinado do segunda successor de Cyro. Danao, irmão de Sezostris, lhes trouxe as primeiras leis, que elle exhaurira no Egypto; os sabios e depois os poetas da Grecia forão iniciar-se nos mysterios dos padres egypcios, e trouxerão á sua patria os deozes e as leis daquelles primeiros legisladores; a mesma Grecia tornou-se preza de Alexandre. Este principe seguido de um pequeno, mas aguerrido exercito, avançou, e a Azia e as Indias tornarão-se sua conquista; por sua morte seus generaes dividirão entre si seu imperio, e brevemente os Romanos reduzirão sob o nome de provincias, aquelles reinos a seu poder.

A historia do mundo d'ahi em diante não é senão a historia de Roma. Fortes por uma aristocracia vigoroza, por um poder popular do qual o mesmo abuzo era um symptoma e um elemento de poder, os Romanos estendem suas conquistas sobre o mundo conhecido: os Germanos, sós, ficão senhores de suas florestas, os Bretões rezistem e não podem subtrahir-se inteiramente á escravidão; alguns montanhezes escossezes conservão sua independencia, e seus heroicos exforços inspirão os cantos dos bardos, cuja harpa, um pouco monótona re ôa portanto mesmo atrevés dos seculos. Mas o mais bello espectaculo offerecido aos olhos do contemplador, nesta lucta de algumas almas generozas contra um povo uzurpador, é o de Methridades, que foi o primeiro a advinhar o meio de oppor o norte ao meio dia e que, trahido pela victoria, soube adquirir, reparando seus defeitos, um nome tão grande como Annibal, que se não soube aproveitar de seus triumphos. Os Parthos, os Scythas oppõem aos Romanos poderozos essas mesmas armas que depois abaterão os Romanos degenerados. A Republica reconheceo logo o poder de um senhor; os tyrannos se succedem: em fim, sob os auspicios de uma nova religião Constantino divide as forças do imperio, fundando uma nova capital. De desgraça em desgraça o collosso romano se abala, e de seus restos formarão-se novos poderes ainda existentes. Tal é a vasta união que aprezenta a historia: antes de apreciar os detalhes é preciso conhecer bem esta cadeia immensa; então todas as dimensões do quadro são apreciadas, e o estudo das diversas partes não é mais que a arte de dispor as cores e de animar as personagens.

Muitos povos, por sua situação particular, formão uma classe á parte: taes são os Judeos, os Chinezes, que tem mais de uma relação com os Egypcios, os Musulmanos cujo imperio so foi consolidado depois da queda do imperio grego, ultimo fragmento do poder romano. Os pontos em que devemos limitar-nos põem-nos na dupla necessidade de não encarar nos povos de que fallamos senão a generalidade de sua historia, e de escolher entre todos os povos aquelles que se ligão essencialmente a grande cadeia historica. Ora, os Judeos modernos disseminados no meio de todas as nações obedecem geralmente as leis politicas dos paizes em que habitão. Os Judeos antigos formavão uma theocracia e depois uma monarchia, cujo estudo se liga muito mais ás crenças religiozas que as lições historicas, que formão nosso fim; os Chinezes, separados do resto da terra apenas offerecem uma recreação secundaria á curiosidade, e diremos algumas palavras somente dos mahometanos, quando a decadencia do imperio romano liar sua historia á desta grande época.

(*Encyclopedie portative.*)

A. C. B.

POESIA.

O RICO AVARENTO.

Onde intentas levar um tal desejo,
Que te alimenta o insaciavel pêito,
Que da ordem transpondo o marco extremo
Lavra-te a mente com subido accesso?
Pejado te não basta d'oiro o cofre,
Desse immenso thesoiro em que só cuidas,
Que noite e dia te roubando o somno
Socego salutar tambem te rouba?
Sim—esse cofre sobre que te assentas
Só porque temes que roubar-te venham?

Sem que te importe que mortaes sem conto
D'amargura, e da dor tragando o calix,
No triste leito da indigencia amarga,—
Da desgraça cruel—, chorem seu fado;
Inda almejas os b ns, que os Ceos espalham?!
Do imo lá da terra inda cobiças
Diamante, e oiro, e prata, e cobre, e tudo
Ao cofre accumular—, tresborde embora?
Não poderes haver inda lamentas
Não só bens naturaes,—os bens perdidos
No largo immenso do Oceano bojo!

De que servem taes bens—, riquesa enorme—,
Se immundas eu cobrir vejo te as vestes?!
Se por ventura sustentar-te vejo
O alimento mais vil, que por miseria
De fome á impulso o desvalido traga?!
Levar suppões talvez, quando da vida
Houver roubar-te a inevitavel Morte?
Ah! que erroneo pensar te ferve n'alma

Se tal intentas crer!.... Avidos olhos
Que da vida se apague a luz, que gozas
Para que todo se divida o cofre
Somente almejam!... Desgraçado homem!
Sim-desgraçado appellidar-te devo,
Só porque de prazer não hás momento;
O socego te foge—, e a mente avara
Em continua vigilia achar não pode!!

Não crês n'um Deus, acaso, Que nos Rege,
Que Rege o mundo, seu Auctor supremo?
Não crês que ha de julgar os nossos feitos
Da vida eterna no terrivel dia?
Não temes por ventura em tal ensejo
A sua extreme e divinal Justiça
Contra o segundo dos mortaes peccados!

O mesmo Omnipotente, Pae Eterno,
Deus, Senhor de Bondade, Deus Piedoso
Tenha tanto de ti pesar, clemencia—,
Quanto não hás dos desvalidos pobres,
Que esmolas vão pedir, que a fome impelle—
E a quem iroso, e arrebatado gritas
Não tem—, não tem logar—!!! Oh! desgraçado!
.....
Perdão, meu Deus, perdão p'ra elle imploro,
Porque sua sorte na verdade choro.

Novembro 1. 1845.

A. C. R. R.

ULRICO.

(POR EUGENIO GUINOT.)

——Tinha finalisado o baile em uma brilhante casa do arrabalde de Saint-Honoré. Um mancebo, que fôra o ultimo a deixar os salões, sahio da casa a passos vagarosos e cabisbaixo; seu andar e seus olhos estavam impressionados de uma profunda tristesa; facilmente adevinhar-se-hia que a festa deixára em su'alma amargas recordações, e saudades cruelissimas. Dirigio-se aos Campos-Elysios, e passando pelos bellos jardins, que ornam um dos lados do passeio, parou para contemplar com uma expressão dolorosa o ligeiro colorido de verdura, que a primavera principiava a espalhar pelos tenros arbustos.

A primavera é uma amiga, cuja volta é ordinariamente acolhida com praser; todos cedem á sua doce e benigna influencia, e acolhem-n'a com o sorriso nos labios e no coração. É a estação onde nos sentimos viver, onde o infermo ressuscita, e onde o velho remoça; é a epocha em que as mulheres são mais bellas, e os poetas mais inspirados. No meio desta felicidade e desses suffragios unanimes, como poder-se-ha explicar uma tão extranha excepção,—um movimento de desespero produsido pelo risonho aspecto das folhas nascentes?

Nada mais simples, não é assim? O nosso mancebo estava triste ao sahir do baile, e mais triste ainda por ver surgir a estação, que devia pôr termo ás festas do hymverno. Porque havia para elle nessas festas bastante felicidade... Boa vida lhe faziam ellas viver; por quanto ganhava dinheiro em tocar rabeca nos bailes; nem possuia no mundo outra fortuna, nem outro recurso.

Eis aqui pois o nosso heróe despoetisado por esta revelação. Como! direis vós tanta tristesa e pesar por um simples interesse de dinheiro? Um mancebo, um artista, deixar-se assim abater por um revés, que ja devia esperar, e para que já devia estar preparado! Certamente que a pobresa deve tocar-nos, mas....

—Não a verei mais! exclamou o mancebo levantando para o céo seus grandes olhos azues arrasados de lagrimas.

Não póde a poesia deixar de apparecer, porque, tendes rasão, as miserias do coração são as unicas que produsem profundos desgostos na alma dos mancebos, maiormente na dos artistas, que mais que quaesquer outros são indefferentes aos rigores da fortuna, e á approximação da miseria. Ulrico (tal era o nome do joven musico) devia, a esse respeito, satisfazer as mais romanescas exigencias. Em balde buscariam no reino da melodia um espirito mais descuidado e um coração mais terno. Nascido na Allemanha, e orphão desde a infancia, Ulrico fôra educado pelos cuidados de um velho professor de musica, que lhe havia ensinado as primeiras noções da arte, e tudo o mais que sabia, que bem pouco era. E o professor era um excellente homem mais dotado de virtudes, que de talento: recolheo o pobre orphão abandonado; repartio generosa-

mente com elle o fraco producto de seu trabalho. Sendo pouco os discipulos, ou antes faltando-os inteiramente, o mestre aggregou-se a uma companhia de cantores ambulantes, que andavam de cidade em cidade cantando as melhores peças do theatro allemão. Ulrico acompanhou-o nessas viagens, e ajudou-o, apenas pôde servir-se de uma rabeca e fazer parte da orchestra. Eram desta maneira decorridos alguns annos, e Ulrico tinha chegado a idade dos desoito quando perdeo seu bemfeitor, que morreo em Strasburgo, depois de uma representação de *Freyschutz*. O mancebo já se achava bastantemente forte para vôar com suas proprias asas; alem disso sabia contentar-se com pouco, e o futuro não o amedrentava. A companhia ambulante máos negocios tinha feito, e uma reforma era indespensavel nas despesas com a orchestra: Ulrico recebeo o estipendio. e servio-se delle para ir a Pariz, onde esperava encontrar alguma occupação. Sua paciencia teve de passar por bem longa provação; porem finalmente pôde grangear a estima de um *maestro* muito afamado pelo seu merecimento em tocar contradanças, walsas, e galopes. Foi para o joven allemão um segundo protector, menos dedicado, menos cariohoso, que o primeiro, porem que por sua posição podia grangear-lhe uma existencia mais segura. Durante dous hyvernos ganhou Ulrico bastante dinheiro para gastar economicamente na estação seguinte; nem precisava de mais; sua ambição era limitada, achava-se ditoso, depois de haver supportado corajosamente as fadigas do carnaval e da quaresma, podia descançar por alguns mezes em agradavel ocio, ao abrigo da necessidade, todo entregue a doces sonhos, e a modestos e innocentes praseres. O terceiro hyverno porem trouxe a perturbação a essa alma tão serena e ditosa.

A estação dos bailes acabava de renascer; Ulrico sahira do reposo, o chefe da orchestra da moda tinha sido chamado para o baile e concorrido para uma festa brilhante. Ahi em duas contradanças, o joven musico, lançando os olhos pela assemblea, fez reparo em uma menina maravilhosamente bella, e sentio no coração uma emoção estranha. Desde esse momento seus olhos não deixavam de contemplar o bello objecto, que sobre elle exercia uma especie de fascinação. Seguia todos os seus passos, admirava-lhe a graça, e inteiramente se entregava a uma perigosa embriaguez. Já muitas vezes faltára ao compasso, e em breve perdeo inteiramente a cabeça. Pallido, tremulo, e sentindo que suas forças o abandonavam, quiz levantar-se para sahir, deo alguns passos, e cahio desfallecido nos degráos da tribuna occupada pela orchestra.

O rumor da queda resôou pelo salão. Um tal acontecimento algum effeito devia produsir. Parou a musica, a contradança foi enterrompida, e os dançadores apinharam-se em torno do mancebo, que se tinha ferido ao cahir. Assentaram-no em uma cadeira de braços, e para estancar o sangue, que lhe cahia da testa, desafrontavam-n'a dos anneis de bellos cabellos louros. As senhoras attentaram então para o semblante de Ulrico, que bem lindo era; as mais complacentes offereciam o seu vidrinho para lhe fazer recuperar os sentidos, ou o lenço bordado para ligar-lhe a ferida.

Depois de ter recebido os cuidados que seu estado exigia, Ulrico foi transportado para o seu domicilio em uma carroagem da dona da casa, que no dia seguinte mandou saber noticias suas. Essa senhora chamava-se a baroneza de Serilly; era joven, linda, e viuva. E a pessôa, que tão viva emoção produsira no coração de Ulrico, era a sobrinha da baroneza, e chamava-se Henriqueta.

A ferida da testa em breve cicatrisou-se; porem a do coração era da naturesa daquellas que nunca se fecham. Ulrico nem mais outros pensamentos teve, nem outro sentimento; vivia todo inteiro em seu amor; quiz o acaso que no primeiro baile, a que fôra no exercicio de suas funcções, encontrasse a senhora de Sérilly e sua sobrinha. A baroneza diguou-se de de-

frigir-lhe algumas palavras; Henriqueta dava-lhe o braço, e Ulrico não teve força bastante para responder. A thia e a sobrinha iam a frequentes sociedades, a senhora de Sérilly tinha dança em casa de quinze em quinze dias, e o joven musico, recommendado pela baroneza, tinha muitas vezes occasião de ver Henriqueta. Tornando-se mais senhor de si, sabia conter a paixão, que lhe devorava a alma, e Henriqueta por mais de uma vez corára vendo o doce e apaixonado olhar que Ulrico fixava sobre ella. O que esperava elle? —nada certamente. Ainda se não tinha interrogado para onde o arrastaria essa louca paixão. Outro qualquer, que não fosse o amoroso musico, se teria contristado por amor da humilde condição que levantava entre elle e a sobrinha de uma baroneza insuperavel barreira; poderia porem Ulrico maldizer o officio, que lhe dava accesso ao mundo em que vivia Henriqueta? Ao contrario agradecia a Providencia, e abençôava a memoria do velho Blümann, que lhe havia ensinado a tocar rabeca, e não outra cousa melhor.

Este doce phantasiar durou ate ao dia, de que fallámos no principio desta narração. Ulrico vira ainda no baile a baroneza e Henriqueta porem depois do ultimo galope, o chefe da orchestra lhe dissera:

—Provavelmente é esta a ultima festa da estação; estamos chegados á primavera; a gente grada retira-se para o campo. Os nossos trabalhos estão concluidos; e eu só vos reunirei d'aqui ao mez de novembro.

Cahiam estas palavras, como se fossem de chumbo, sobre o coração de Ulrico. Nada de bailes, nada de Henriqueta! As maldições que fulminava contra a primavera eram mais que muito legitimas. Era pois forçoso esperar até ao proximo hynverno? Era porem impossivel! E elle que se considerava tão desgraçado quando se passavam oito dias sem vel-a. Foi então que fez sobre si mesmo um exame, e revoltou-se contra a profissão, que o devia separar de Henriqueta durante dous terços do anno; e comprehendeo toda a desgraça de sua mediocridade, de sua miseria!—Quem sou eu para amal-a? perguntava a si mesmo.

O amor é um mestre que faz grandes artistas; Ulrico teve um instante da nobre ambição de se tornar celebre para approximar-se daquella que amava: desgraçadamente em breve reconheceo a insufficiencia de seus meios. A memoria do pobre Blümann soffreo com isso, o ingrato discipulo quebrou a rabeca.

Consumado apenas este acto de destruição o joven musico arrependeo-se. O peior do negocio era que elle se não achava tão abastado que podesse comprar outro instrumento. O hynverno que acabava de escoar-se lhe havia trazido tanto como os precedentes; porem occupado pela paixão, Ulrico não tratou como outr'ora de economisar para os dias de repoiso; despendera todo o dinheiro em nullidades de ornatos, e em correr os espectaculos, onde tinha esperanças de encontrar Henriqueta, quando o baile o não reclamava.

Como faria agora para viver durante esses compridos mezes, que os felizes deste mundo chamam as mais bellas estações do anno?

(Conclúe) A. F. C.

O HOMEM É NATURALMENTE SOCIAL.

Una omnes continet definitio: ut nihil sit uni tam simile, tam par, quam omnes inter nosmet sumus.

——De tormentosas borrascas é o mar, sobre que navega a vida do homem;—desde a infancia até a vilhice,—desde o berço até o tumulo,—desde a primeira luz, que fere a nossa vista, até as trevas, que nos ennegrecem para sempre o dia; rodeado de necessidades vive o homem. Fraco e debil nasce: e ephemera sería sua existencia, se mãos caridosas o não enchessem de perennaes cuidados:—o seu primeiro grito é arrancado pelo soffrimento, como o primeiro ai, que dá, o pedido do soccorro.

Se no nascer da vida no mundo nos desamparassem, ai de nós! porque a morte nos serviria de mãe, e de nós se compadeceria—agros são os carinhos da morte!.. Cresce—inexperto, e desamparado—como poderá remediar as necessidades vitaes, se isolado e só o deixarem sobre o mundo!—naufrago na vida, sem uma taboa á que se agarre, como se salvará das negras voragens da miseria, e das inevitaveis garras da morte, se não houver um homem, que sympathise com o seu coração, que chore com suas tristezas, e que se alegre com o seu sorrir, as marulhoras vagas da necessidade o abysmarão no pelago da desgraça.

Se no meio-dia da existencia, se no vigor da idade, se no estado da força carece de auxilio humano, de que soccorros não necessitará, quando o sol dos seus dias se declinar para o poente da vida, quando o vigor da idade por enfraquecido pela desvalida decrepitude, quando a força for substituida pela fraqueza! oh! sim, o homem carece do homem, isolado e só vive desgraçado,—se vida por ventura se pode chamar ao sen viver. Se os chôros da infancia não forem acalentados pelos carinhos de nossas mães, se as inclinações para o amor do bem não forem plantados em nossos corações pelos conselhos dos nossos páes—se os soffrimentos da dór não forem suavisados pelos soccorros dos nossos similhantes—o que seria a vida?..

Quando no desabroxar da vida, quando o nosso coração ebrio de amor e mocidade, sahindo da branda corrente da passageira innocencia, se aventurar ao occeano das tempestuosas paixões, quem espiará o fogo da nossa alma? quem na nossa solidão irá mitigar os nossos trabalhos? por quem supportaremos o pezo da existencia, quando essa existencia é amargurada e desgostoza, até que immorredoura luz sobre nossos olhos venha brilhar no mundo da Eternidade! Quando as tempestades houverem passado sobre os dias da nossa existencia—quando o fogo dos amores e das paixões fôr substituido pelo gelo da idade, quando finalmente a velhice houver succedido á juventude,—quem guiará nossos vacillantes passos?—oh! de certo: o homem não póde isoladamente nesta terra de peccados passar seus dias;—preciza de soccorro, e só a sociedade lhe poderá mitigar os pezares da vida.

J. J. F. V.

Olinda 5—Abril 1845.

ANNUNCIO.

——O Secretario da Sociedade Philomathica Maranhense faz publico aos habitantes d'esta Provincia, e especialmente aos desta Cidade, que, a mesma Sociedade deliberou que se fizessem, para illustração do Povo, Cursos elementares de Sciencias, os quaes fossem publicos e gratuitos, afim de se poderem d'elles aproveitar todos os que o quizessem fazer: que fossem as lições para mais utilidade dos ouvintes, publicadas pela imprensa, segundo a marcha dos trabalhos da Sociedade; que tivessem principio no mez de Novembro proximo, em uma das Salas do Paço da Camara Municipal: tendo sido por em quanto adoptado os seguintes:

1.º CURSO ELEMENTAR DE GEOMETRIA E SUAS APPLICAÇÕES, feito nas Quintas-feiras, as nove horas da manhã, pelo Socio Doutor Alexandre Theophilo de Carvalho Leal. Terá principio na Quinta-feira 27 de Novembro.

2.º CURSO ELEMENTAR DE PHYSICA E MECANICA APPLICADAS, feito nos Domingos ás onze horas da manhã pelo Socio Doutor Julio Beyer. Terá principio no Domingo 23 de Novembro.

3.º CURSO ELEMENTAR DE CHIMICA APPLICADA E DE MINERALOGIA, feito nos Domingos as dez horas da manhã, pelo Socio Doutor Joze da Silva Maya, e preparado pelo Socio Luiz Bottentuit. Terá principio no Domingo 23 de Novembro.

4.º CURSO ELEMENTAR DE BOTANICA E ZOOLOGIA, feito nas Quintas feiras ao meio dia, pelo Socio Doutor Tiberio Cesar de Lemos. Terá principio na Quinta feira 27 de Novembro.

5.º CURSO ELEMENTAR DE MEDECINA DOMESTICA, de Therapeutica e Materia medica, comprehendendo mais particularmente as molestias da Provincia e as propriedades e applicações dos medicamentos do Paiz, feito nas Quintas-feiras, as onze horas da manhã pelo Socio Doutor Antonio do Rego. Terá principio na Quinta feira 27 de Novembro.

E para que chegue a noticia de todos se mandou fazer esta publicação. Maranhão 15 de Outubro de 1845.

Joze da Silva Maya.

ERRATAS DO N.º 17.

Pg.	C.	L.	Erros	Emendas
131	1	27	a mór parte delles	a mór parte

EXPLICAÇÃO DAS CHARADAS DO N. ANTECEDENTE.

—1.ª Alvacára—2.ª Melancolia—3.º Armador.

Typ. Maranhense. Anno 1845.